

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**RELAÇÃO DO ENVOLVIMENTO PATERNO COM
VARIÁVEIS DO PAI, DA CRIANÇA, DA FAMÍLIA DE
ORIGEM E DA RELAÇÃO CONJUGAL**

Ana Catarina Fernandes das Neves Pereirinha Ramalho

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica

2015

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**RELAÇÃO DO ENVOLVIMENTO PATERNO COM
VARIÁVEIS DO PAI, DA CRIANÇA, DA FAMÍLIA DE
ORIGEM E DA RELAÇÃO CONJUGAL**

Ana Catarina Fernandes das Neves Pereirinha Ramalho

Dissertação Orientada pela Prof. Doutora Salomé Vieira Santos

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica

2015

Agradecimentos

À Prof. Doutora Salomé Vieira Santos, pela sabedoria com que me orientou, pelo genuíno interesse, pelas valiosas sugestões e pelo apoio e grande disponibilidade ao longo deste percurso.

À Prof. Doutora Maria Eugénia Duarte Silva, cujo apoio no percurso do estágio foi também essencial para esta dissertação de mestrado.

Aos pais que aceitaram participar nesta investigação, pela sua generosidade.

Aos meus dois irmãos, o Tiago e o David, preciosos ao longo de toda a minha vida.

Aos meus pais, por terem criado e continuarem a criar para mim oportunidades que me permitem crescer.

À Leonor, ao Pedro e ao Guilherme, os meus primos mais novos, pela inspiração enquanto escrevia este trabalho.

Aos meus restantes primos, em particular à Ana Rita, aos meus avós e aos meus tios, que partilharam o meu percurso académico com muito carinho.

À Ana Nascimento, à Margarida Santos, à Bianca Viana, à Simone Vieira, à Inês Mira e à Inês Henriques pela grande amizade.

Aos meus restantes amigos e família pelo apoio.

Resumo

Este estudo, na área da paternidade, pretende investigar o envolvimento paterno num grupo de pais com filhos em idade escolar. Tem como objetivos caracterizar o envolvimento paterno e analisar a sua relação com variáveis do pai - psicológicas (sintomas de depressão e de ansiedade) e sociodemográficas (idade, nível de escolaridade e número de filhos), da criança (sexo e idade), da família de origem e da relação conjugal. Recorreu-se à Escala de Envolvimento Paterno (Simões, Leal, & Maroco, 2010a, 2010b) e ao Inventário de Sintomas Psicopatológicos - dimensões Depressão e Ansiedade (Canavarro, 1999), e utilizou-se uma entrevista de recolha de dados para obtenção de informação sociodemográfica e referente à família de origem e à relação conjugal. Os participantes do estudo foram 86 pais com filhos com idades entre os 6 e os 10 anos (52.3% do sexo masculino). Os resultados mostraram que os pais da amostra estudada estão mais envolvidos nos cuidados, comparativamente com os da amostra do estudo do instrumento utilizado. O envolvimento não se relacionou com as variáveis psicológicas estudadas. Os homens mais velhos consideraram estar mais presentes no dia a dia da criança, havendo uma tendência para os mais novos estarem mais envolvidos na disciplina. Acresce que os pais estão mais envolvidos com as filhas a nível da disponibilidade, tendendo a estar mais envolvidos com os filhos nos cuidados. Verificou-se ainda que o envolvimento paterno em áreas específicas se associou positivamente quer com a relação com a mãe (Presença e Cuidados, ainda que o resultado para esta subescala seja marginalmente significativo), quer com a satisfação conjugal (Cuidados e Disciplina). Os resultados são concordantes com os obtidos em alguns estudos e sugerem a pertinência de se aprofundar a relevância de variáveis da família de origem e da relação conjugal para o envolvimento paterno, a par de variáveis individuais.

Palavras-Chave: Paternidade, Envolvimento Paterno, Idade Escolar

Abstract

This study on fatherhood sets out to investigate father involvement in a group of parents with school-aged children. It aims to describe father involvement and to analyze its relationship with father variables - psychological (symptoms of depression and anxiety) and demographic (age, schooling and number of children), child variables (sex and age), and family of origin and marital relationship variables. Two instruments were used, the Escala de Envolvimento Paterno (Father Involvement Scale; Simões, Leal, & Maroco, 2010a, 2010b) and the Portuguese adaptation of the Brief Symptom Inventory - Depression and Anxiety dimensions (Canavarro, 1999). A data collection interview was also used to obtain socio-demographic information and data concerning the family of origin and the marital relationship. Eighty-six fathers with children aged 6 to 10 years (52.3% male) participated in the study. The results showed that the fathers in the sample under study were more involved in child care, in comparison with those of the sample of the instrument used in the study. The involvement did not correlate with the psychological variables. Older men considered themselves to be more present in the child's everyday life while younger fathers tended to be more involved in discipline. Furthermore, fathers were more involved with their daughters in terms of availability and tended to be more involved with their sons in terms of care. Father involvement in specific areas was also found to be positively associated both with the relationship with the mother (Presence and Care, despite the latter result being marginally significant) and with marital satisfaction (Care and Discipline). The results are consistent with those obtained in some studies and suggest the importance of further investigating the relevance of family of origin and marital relationship variables for father involvement, along with other individual variables.

Keywords: Paternity, Father Involvement, School-Aged Children

Índice

Introdução.....	1
1. Enquadramento Teórico	4
1.1 Parentalidade: Definição, Aspetos Conceptuais e Consequências para a Criança ..	4
1.2 Paternidade: Perspetiva Histórica e Conceptual.....	7
1.3 Envolvimento Paterno.....	12
1.3.1 Definição, Modelos Conceptuais e Consequências para a Criança	12
1.3.2 Relação do Envolvimento Paterno com Variáveis do Pai, da Criança, da Família de Origem e da Relação Marital	18
1.3.2.1 Variáveis do Pai.....	18
1.3.2.1.1 Variáveis Psicológicas	18
1.3.2.1.2 Variáveis Sociodemográficas	20
1.3.2.2 Variáveis Sociodemográficas da Criança	22
1.3.2.3 Família de Origem	23
1.3.2.4 Relação Marital	25
2. Objetivos e Hipóteses.....	28
2.1 Objetivos	28
2.1 Hipóteses.....	28
3. Método	30
3.1 Participantes.....	30
3.1.1 Caracterização Sociodemográfica dos Pais e das Crianças-Alvo	30
3.1.2 Caracterização das Variáveis da Família de Origem e da Satisfação Conjugal	32
3.1.2.1 Família de Origem	32
3.1.2.2 Satisfação Conjugal	32
3.2 Instrumentos.....	33
3.2.1 Entrevista de Recolha de Dados	33
3.2.2 Escala de Envolvimento Paterno	34
3.2.3 Inventário de Sintomas Psicopatológicos	34
3.3 Procedimento.....	35
3.4 Procedimentos Estatísticos.....	35
4. Resultados.....	37
4.1 Caracterização do Envolvimento Paterno	37
4.2 Correlação do Envolvimento Paterno com Variáveis do Pai.....	38

4.2.1 Correlação com Variáveis Psicológicas	38
4.2.2 Correlação com Variáveis Sociodemográficas	38
4.3 Correlação do Envolvimento Paterno com Variáveis Sociodemográficas da Criança.....	39
4.4 Correlação do Envolvimento Paterno com Variáveis da Família de Origem.....	39
4.5 Correlação do Envolvimento Paterno com a Satisfação Conjugal	40
5. Discussão.....	41
6. Conclusão	47
7. Referências	50

Índice de Quadros

Quadro 1- Nível de Escolaridade dos Participantes: Frequências (f) e Percentagens (%)	30
Quadro 2- Grupo Profissional dos Participantes: Frequências (f) e Percentagens (%)...	31
Quadro 3- Estado Civil dos Participantes: Frequências (f) e Percentagens (%).....	31
Quadro 4- Classificação da Relação com a Mãe ao Longo da Vida: Frequências (f) e Percentagens (%).....	32
Quadro 5- Classificação da Relação com o Pai ao Longo da Vida: Frequências (f) e Percentagens (%).....	32
Quadro 6- Satisfação com a Relação com a Companheira: Frequências (f) e Percentagens (%).....	33
Quadro 7- Envolvimento Paterno: Comparação com a Amostra do Estudo do EEP.....	37
Quadro 8- Correlação do Envolvimento Paterno com Variáveis Psicológicas do Pai (Depressão e Ansiedade).....	38
Quadro 9- Correlação do Envolvimento Paterno com Variáveis Sociodemográficas do Pai (Idade, Nível de Escolaridade e Número de Filhos).....	38
Quadro 10- Correlação do Envolvimento Paterno com Variáveis Sociodemográficas da Criança (Sexo e Idade)	39
Quadro 11- Correlação do Envolvimento Paterno com Variáveis da Família de Origem (Relação com a Mãe /com o Pai)	40
Quadro 12- Correlação do Envolvimento Paterno com a Satisfação Conjugal	40

Introdução

O presente estudo pretende analisar o envolvimento paterno num grupo de indivíduos do sexo masculino, pais de crianças em idade escolar.

A maioria da investigação associada à parentalidade tem vindo a privilegiar o papel da mãe no desenvolvimento da criança, tornando-se cada vez mais exigível que a importância da relação pai-criança, para além de reconhecida, seja estudada em toda a sua complexidade. Nesta linha, assiste-se a um interesse crescente pela área da paternidade, decorrente de reformas sociais, questões políticas e promoção do desenvolvimento familiar (Palkovitz, 2007), com reflexos também no contexto português. O envolvimento paterno, em particular, tem vindo a ser objeto de investigação diversa nas últimas décadas, constituindo um dos conceitos centrais no estudo da paternidade (Simões, Leal, & Maroco, 2010a). É neste âmbito que se enquadra a presente investigação.

Partindo de uma abordagem compreensiva, pretende-se contribuir para aprofundar a investigação nesta área, considerando a relação do envolvimento paterno com diferentes variáveis (individuais – do pai e da criança -, e da relação com a família de origem e com a companheira/cônjuge), cujo estudo é ainda escasso (sobretudo face a algumas delas). Acresce que o estudo foca um período específico do desenvolvimento da criança (idade escolar), dando resposta a uma limitação metodológica, aplicável a diversos estudos, e que se prende com a inclusão, num mesmo estudo, de diferentes fases do desenvolvimento, o que pode condicionar a interpretação dos resultados obtidos.

Vários modelos têm vindo a contribuir para a conceptualização do envolvimento paterno. Salienta-se, a este propósito, o modelo proposto por Lamb e colaboradores (ver Lamb, Pleck, Charnov, & Levine, 1987) que tem servido como referência para a investigação que se centra nesta dimensão. Este modelo dá visibilidade ao papel do pai através de três dimensões distintas designadas *compromisso*, *acessibilidade* e *responsabilidade*.

Os estudos neste âmbito têm vindo a demonstrar que o pai está cada vez mais envolvido na vida da criança (Parke, 2002; Yeung, Sandberg, Davis-Kean, & Hofferth, 2001) e, para além dos domínios tipicamente associadas à paternidade, como o jogo, a disciplina e o sustento económico (Lima, Serôdio & Cruz, 2011), atualmente é

destacado também o papel do homem enquanto pai sensível, afetuoso e compreensivo (Balanco, 2004).

Nesta investigação, pretende-se explorar a relação do envolvimento paterno com variáveis do pai, psicológicas e sociodemográficas, bem como com variáveis sociodemográficas da criança. As variáveis psicológicas consideradas neste estudo, a depressão e a ansiedade (em termos de sintomatologia), foram seleccionadas não só pelo facto de a literatura destacar a importância dos recursos psicológicos dos pais no exercício do papel parental (Belsky, 1990b), mas também pelo interesse destas dimensões para a relação com o envolvimento paterno. Foi igualmente determinante a escassez de estudos neste âmbito, designadamente em Portugal. Já as variáveis sociodemográficas do pai e da criança foram incluídas neste estudo pelo facto de se demonstrar o seu valor para o envolvimento paterno (e.g., Monteiro, Fernandes, Veríssimo, Costa, Torres, & Vaughn, 2010; Monteiro, Torres, Veríssimo, Costa, & Freitas, 2015; Pimenta, Veríssimo, Monteiro, & Costa, 2010), ainda que os resultados obtidos apontem, com frequência, em diferentes sentidos.

Este estudo foca também variáveis da família de origem e variáveis da relação conjugal. No primeiro caso, apesar de ser realçado na literatura o impacto das relações com a família de origem na forma como o indivíduo experiencia a paternidade (ver Beaton & Doherty, 2007; Floyd & Morman, 2000), há ainda poucos estudos que abordem a sua relação com o envolvimento paterno, o que se reflete também em contexto português. De forma inversa, as variáveis que remetem para a relação marital, como a satisfação conjugal, têm vindo a ser exploradas na relação com o envolvimento paterno de forma mais frequente (ver Jacobs & Kelley, 2006; Simões et al., 2010a). A sua eleição para este estudo prende-se com o facto de a relação conjugal ser descrita na literatura como uma das variáveis com maior relevo e impacto no modo como o pai está envolvido com a criança.

Este trabalho está organizado em seis pontos. No primeiro ponto, é apresentado o enquadramento teórico do estudo, abordando-se aspetos conceptuais referentes à parentalidade, à paternidade e ao envolvimento paterno. É também apresentada literatura que relaciona o envolvimento paterno com as variáveis seleccionadas para o presente estudo. No segundo ponto, figuram os objetivos e hipóteses formuladas no âmbito do mesmo. No terceiro ponto, é descrito o método utilizado, fazendo-se referência aos participantes do estudo, aos instrumentos, ao procedimento e aos procedimentos estatísticos. No quarto ponto, são expostos os resultados obtidos neste

estudo, os quais são discutidos no quinto ponto. Por último, são elaboradas as conclusões do estudo, fazendo-se também referência a limitações específicas e a pistas para investigações futuras.

1. Enquadramento Teórico

1.1 Parentalidade: Definição, Aspetos Conceptuais e Consequências para a Criança

A parentalidade decorre da própria condição humana, uma vez que possibilita a continuidade da vida (Bornstein, 2001; Hoghughi, 2004). O interesse por este tema não é atual, tendo sido abordado por muitos, desde filósofos, líderes religiosos e antropólogos, até psicólogos, sociólogos ou educadores. No entanto, apenas no último século surgiu investigação acerca do papel e do funcionamento dos pais (Abidin, 1992). A parentalidade tem vindo a ser entendida como uma das influências mais significativas, não só para o desenvolvimento da criança, cuja sobrevivência depende dos pais, mas também para a forma como ela, posteriormente, se posicionará face à sua própria parentalidade (Bjorklund, Yunger, & Pellegrini, 2002).

Na maioria das culturas, mãe e pai dividem as responsabilidades parentais, ainda que outros indivíduos possam exercer também funções de cuidadores, quer dentro da família, como os avós ou os irmãos, quer fora dela, como os professores (Bornstein, 2001).

Na perspetiva de Hoghughi (2004), a parentalidade poderá ser definida como o conjunto de atividades efetuadas de forma intencional, com o objetivo de assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento da criança. Para este autor, a parentalidade favorece, ainda, a transmissão de valores, crenças, etc., com uma função essencial para a criança.

Com base na definição apresentada, o autor propõe um modelo que permite a avaliação e a criação de programas de apoio no âmbito da parentalidade. De acordo com este modelo, os elementos essenciais para a parentalidade incluem as atividades da parentalidade (cuidado, controlo, desenvolvimento), isto é, as atividades necessárias para que a parentalidade seja “suficientemente boa”; as áreas funcionais (saúde física, funcionamento intelectual e educacional, comportamento social, saúde mental) e os pré-requisitos da parentalidade (conhecimentos e compreensão, motivação, recursos, oportunidades) (Hoghughi, 2004).

Belsky (1984), por sua vez, realça a necessidade de integrar e organizar a investigação acerca da parentalidade, propondo um modelo que a apresenta como tendo três grandes determinantes. Em primeiro lugar, a personalidade dos pais e os seus recursos psicológicos, que influenciam não só o desenvolvimento da criança de uma forma direta, mas também o contexto alargado em que se insere a relação pais-criança. É necessário atender ao percurso de vida dos pais para compreender a relação que estes

estabelecem com os filhos, nomeadamente as experiências que tiveram com a família de origem e as suas próprias características (Belsky, 1990b). A parentalidade liga-se, desta forma, ao bem-estar e à maturidade psicológica dos pais. Em segundo lugar, o autor refere-se às características individuais da criança, cujo temperamento e características medeiam a qualidade e quantidade do investimento parental. O autor realça a reciprocidade subjacente às relações entre os pais e a criança (Belsky, 1990b). Por fim, ele alude aos recursos e ao contexto social alargado onde pais e filhos estão inseridos, que poderão ser fontes de *stress* ou, inversamente, de apoio. Entre estes, Belsky (1984) destaca a relação marital, que é apontada como o fator contextual mais significativo, associando-se o apoio instrumental e emocional entre o casal com um melhor exercício da parentalidade (Belsky, 1990b). Para além da relação marital, também a rede social é uma variável contextual importante (apoio na comunidade e de amigos e familiares), pelo que os pais que dela beneficiam relacionar-se-ão de forma mais positiva com os filhos (Belsky, 1990b). O contexto laboral dos pais é outro dos elementos influentes apontados por Belsky (1984). A parentalidade é, assim, multideterminada, podendo a competência parental ser afetada por qualquer de um dos determinantes anteriormente referidos. O autor defende ainda que os determinantes da parentalidade irão ser progressivamente cada vez mais multifatoriais (Belsky, 1990b).

Abidin (1992) sustenta a necessidade de um modelo mais compreensivo e integrativo que englobe fatores sociais, ambientais, comportamentais e desenvolvimentistas na compreensão do comportamento parental e do ajustamento da criança. De acordo com o autor, o papel parental tem subjacente as crenças e expectativas dos pais, que permitem ao homem ter um modelo interno acerca de si mesmo. Este modelo interno dos pais é influenciado por uma série de stressores parentais (o trabalho, o ambiente, a relação marital, as tarefas diárias, os acontecimentos de vida e as características dos pais e da criança) que encorajam os pais a mobilizarem os seus recursos (o apoio social, a aliança parental, as competências e as capacidades parentais, os recursos materiais e o *coping* cognitivo) para os apoiar no exercício da parentalidade. O comportamento parental depende, assim, da conjugação de todas estas variáveis (Abidin, 1992).

Também a perspetiva psicanalítica tem vindo a dar um contributo essencial para a forma como é equacionada a parentalidade na atualidade, desde o trabalho de Freud (1914/2010), que contribuiu para a compreensão das relações precoces e do seu importante impacto no desenvolvimento da criança, considerando também que o amor

parental representa o narcisismo dos pais transformado em amor objetal, passando por Winnicott (1964/1966), entre outros, que enfatizou a importância da relação mãe-bebê e das características da mãe como “suficientemente boa”, até aos trabalhos de Bowlby (1971) sobre a vinculação, com contributos fundamentais para a compreensão do vínculo do bebê à mãe.

Colocando agora o foco nas consequências da parentalidade para a criança, é unanimemente reconhecido que a qualidade da interação estabelecida é essencial para que a criança possa evoluir, progressivamente, de um estado imaturo de dependência absoluta (Bjorklund et al., 2002) para se tornar um ser autónomo. Dado que a parentalidade é um processo dinâmico, a literatura é consensual em considerar que, à medida que a criança vai crescendo, os pais deverão adequar o seu comportamento às necessidades da criança ao longo do tempo (Belsky, Gilstrap, & Rovine, 1984).

O exercício da parentalidade começa logo no momento da gravidez e mantém-se ao longo de toda a vida do indivíduo (Bornstein, 2001). Desde o início que a parentalidade supõe uma série de mudanças e ajustamentos na vida dos pais (Goodman, 2004; Heinicke, 2002; Perren, Von Wyl, Bürgin, Simoni, & Von Klitzing, 2005).

No que se refere especificamente à parentalidade em crianças em idade escolar, visada neste estudo, ela exige uma adaptação dos pais às transformações que se dão na criança neste período e que afetam não só o seu bem-estar, mas também o seu desenvolvimento (Collins, Madsen & Susman-Stillman, 2002). Nesta idade, para além de mudanças a nível físico e cognitivo, aumentam a diversidade e o impacto das relações com outros fora da família, há a exposição a novos contextos e surgem novas oportunidades e exigências (Collins et al., 2002), sendo esta idade marcada pelo momento de entrada na escola. O contexto escolar surge, por isso, como fundamental neste período, tornando-se necessário que haja uma articulação adequada entre escola e família. Geralmente, as crianças reportam um maior envolvimento por parte da mãe ao nível da escolaridade (Lima et al. 2011), tendo ela uma maior intervenção na escola face ao pai (Fletcher & Silberberg, 2006; Lima, Serôdio, & Cruz, 2008).

As interações entre as crianças e os pais, nesta idade, incluem menos demonstrações físicas de afeto (McNally, Eisenberg, & Harris 1991), sendo também menos frequentes do que na idade pré-escolar. Além disso, a criança assume agora mais responsabilidades e é esperado que se torne mais autónoma (Collins et al., 2002).

Dadas as mudanças que ocorrem na criança, também os pais desenvolvem novas estratégias para lidar com ela, como a promoção da autorregulação e da

responsabilidade social, a facilitação de relacionamentos positivos com os irmãos e pares, e a introdução de novas práticas disciplinares (Collins et al., 2002).

De acordo com a perspectiva psicanalítica, quando o desenvolvimento se processa de forma normativa, a partir dos 6/7 anos a criança entra no período de latência, o que significa a entrada numa nova etapa em que se dá a aquisição e a consolidação de novos aspetos da personalidade da criança. Os conflitos intrapsíquicos estão agora mais controlados, utilizando a criança uma série de mecanismos de defesa que lhe permitem lidar com as novas exigências. Esta fase é marcada pelas regras, pela razão lógico-experimental e pelo raciocínio dedutivo-indutivo (Coimbra de Matos, 1993).

A parentalidade é, assim, um processo complexo e multifatorial, no qual estão envolvidos diversos intervenientes. Em seguida, dá-se destaque ao papel do pai, que só nas últimas décadas começou a ser alvo de investigação individualizada, analisando-se de forma mais aprofundada o tema da paternidade, especificamente do ponto de vista histórico e conceptual.

1.2 Paternidade: Perspetiva Histórica e Conceptual

A investigação no âmbito da parentalidade tem vindo a focar-se nos cuidados maternos, tendo sido a mãe apontada, durante várias décadas, como a cuidadora principal da criança, enquanto ao pai cabia o papel de suporte financeiro (McBride, Brown, Bost, Shin, Vaughn, & Korth, 2005). Neste sentido, o estudo da paternidade foi colocado em segundo plano, desvalorizando-se a sua complexidade. Contudo, atualmente há uma mudança de perspetiva, valorizando-se o papel do pai e salientando-se a necessidade de privilegiar a investigação neste âmbito.

O conceito de paternidade é abrangente e complexo, de tal modo que no seu estudo confluem, de forma multidisciplinar, a biologia, a genética, a psicologia, a educação, a sociologia, a lei e a jurisprudência (Balacho, 2004). Para além disso, as dimensões, os valores e as atitudes subjacentes à paternidade estão em constante transformação. Daí que, para a compreensão deste conceito, o enquadramento social e histórico desempenhe um papel preponderante (Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000; Lamb, 2000; Lima et al., 2011; Pattnaik, 2013), designadamente ao equacionar o carácter biológico, social e simbólico da paternidade (Lima et al., 2011). De facto, o conceito de paternidade tem vindo a ser (re)construído ao longo da história, tal como o significado de se ser pai vai sendo edificado, desde a infância, para cada indivíduo. Ao abordar a paternidade torna-se, portanto, fundamental

conjugar as tendências económicas, históricas, tecnológicas e sociais com os fatores individuais e emocionais que organizam a paternidade para cada homem (Gomes & Resende, 2004).

Lamb e Lewis (2010; ver também Lamb, 1992) identificam várias concepções de paternidade ao longo da história norte-americana que se articulam com as mudanças que foram ocorrendo nas concepções sociais do papel do pai. Numa primeira fase, entre a época denominada puritana e a época republicana inicial, o pai era considerado o guia/professor moral, responsável por ensinar um conjunto de valores fortemente baseados em princípios religiosos. Contudo, com a industrialização, ele passa a ser entendido como tendo um papel principalmente centrado no suporte económico, e este é o critério unidimensional pelo qual é avaliado durante este período. Posteriormente, o pai passa a ter um papel em que é valorizado sobretudo como modelo de identificação sexual, em particular para os rapazes. Atualmente considera-se que o pai, dito moderno, está envolvido e disponível ao longo do crescimento e desenvolvimento da criança (Lamb, 2000), sendo, desejavelmente, sensível, afetivo e envolvido no crescimento dos filhos.

Nas últimas décadas, nasceu, assim, uma nova conceptualização e um novo entendimento acerca da paternidade (e.g., Cabrera et al., 2000; Daly, 1993; Marks & Palkovitz, 2004; Lamb, 1992; Lamb & Le-Monda, 2004; Lamb & Lewis, 2010; McBride et al., 2005; Monteiro, Veríssimo, Santos, & Vaughn, 2008; Parke, 2002; Shannon, Tamis-LeMonda, & Cabrera, 2006; Yeung et al., 2001), os quais só podem ser compreendidos à luz da história recente. O novo pai é mais envolvido e presente na vida da criança, tem não só características relacionais tipicamente associadas ao género feminino (em termos de disponibilidade e do afeto), mas também características tradicionalmente masculinas (como a autoridade, a disciplina e a brincadeira), adaptando-se a diferentes papéis e funções dentro da família (Pimenta et al., 2010). No entanto, à medida que na cultura moderna se cria um “novo pai”, uma paternidade generativa (Dollahite, Hawkins & Brotherson, 1997), ou um pai positivamente envolvido (Pleck, 2012), verifica-se, paralelamente, a existência de um maior número de homens que não experimenta a paternidade (Eggebeen & Knoester, 2001) ou que opta por não se envolver na vida dos filhos (Marks & Palkovitz, 2004; Parke, 2002).

Cabrera et al. (2000) identificam quatro importantes tendências que transformam e desafiam, no momento atual, a concepção de paternidade. A primeira tendência refere-se à entrada da mulher no mercado de trabalho, aumentando, assim, a necessidade de

cuidados não-maternos à criança. Com efeito, observa-se uma maior partilha de tarefas no casal, com uma diluição na divisão de tarefas tipicamente femininas ou masculinas. Esta tendência estimula uma maior igualdade entre o papel do homem e o da mulher, quer a nível profissional quer a nível familiar. A segunda tendência remete para o aumento do envolvimento paterno nas famílias nucleares. A terceira tendência, pelo contrário, revela que, não obstante o que se acabou de referir, há também uma maior ausência do pai na vida das crianças, autoexcluindo-se e sendo excluído do papel parental. A última tendência relaciona-se com o aumento da diversidade cultural na sociedade ocidental, constatando-se que o papel do pai varia de forma significativa em função das culturas de referência. Lima et al. (2011) reforçam a importância destas tendências enfatizando a maior participação da mulher no mercado de trabalho, as transformações nas configurações familiares e a alteração das expectativas associadas ao papel do pai.

É necessário ter em conta que a transformação que ocorre relativamente ao papel do pai na família é facilitada pela forma como a mãe permite que haja uma maior aproximação do pai à criança (Davis & Perkins, 1996). Ou seja, a mãe funciona como reguladora (Lima et al., 2011), promovendo ou inibindo a relação do pai com a criança e modelando o modo como o homem interage com esta (Allen & Hawkins, 1999). Os papéis desempenhados pelos membros da família influenciam-se multidirecional e reciprocamente (Parke, 2002), pelo que as mudanças na conceção da paternidade também se articulam com alterações na estrutura tradicional da família. Pai, mãe e criança, enquadrados num contexto mais alargado, envolvem-se numa rede complexa de interações recíprocas que determinam a natureza das relações familiares.

Existe uma expectativa social para que sejam as mães a cuidar das crianças (Fletcher & Silberberg, 2006), expectativa essa que alguns autores consideram ter sido reforçada por investigadores no âmbito das ciências sociais que deram destaque à importância da maternidade no desenvolvimento das crianças (ver Cabrera et al., 2000), e que tem contribuído para a forma como o homem se coloca perante a parentalidade (Monteiro et al., 2008). No entanto, como se referiu, embora a inclusão do homem nas várias atividades da vida da criança tenha ocorrido de forma lenta e progressiva, há hoje uma distribuição cada vez mais igualitária entre o pai e a mãe relativamente às tarefas de cuidado e educação da criança (Cabrera et al., 2000; Daly, 1993; Lamb & Le-Monda, 2004; Lima et al., 2008; Monteiro et al., 2008; Parke, 2002; Shannon et al., 2006; Yeung et al., 2001).

Lamb (2010) considera que, apesar das funções de cuidador primário serem principalmente atribuídas à mãe, também o pai assume, no desenvolvimento da criança, estas funções. Os pais interagem com a criança com sensibilidade, exercendo o seu papel parental com competência e retirando prazer da interação estabelecida (Parke, 2002).

Contudo, pai e mãe têm crenças diferentes relativamente ao papel parental (Monteiro et al., 2015), e a ideia de paternidade surge ainda maioritariamente associada ao jogo/brincadeira, ao sustento económico da família e à autoridade e disciplina (Lima et al., 2011). A paternidade é, portanto, um conceito multifacetado, em que o pai assume diferentes papéis na família e interage de diferentes formas com a criança (Lamb, 2010).

A investigação tem evoluído no sentido de abordar o tema da paternidade de forma cada vez mais compreensiva e inclusiva. O interesse pelo tema por parte das ciências sociais é recente (Lamb, 2000), e decorre de reformas sociais, de questões políticas e do desejo de facilitar o desenvolvimento familiar (Palkovitz, 2007). Segundo Pleck (2007), a paternidade assume dois grandes significados na área das ciências sociais. Por um lado, ela associa-se, de um ponto de vista biológico e evolutivo, à fertilidade e à reprodução. Por outro lado, ela é indissociável do comportamento e da identidade dos homens que têm filhos, isto é, da forma como experienciam a paternidade e da subsequente perceção que têm de si mesmos.

Quando o exercício da paternidade é percecionado pelo pai como uma componente essencial da sua identidade, tal traduz-se no exercício do papel parental em que o pai procura satisfazer as necessidades da criança criando, e mantendo, uma relação positiva com ela (Dollahite et al., 1997).

Apesar do rápido crescimento da investigação na área da paternidade, alguns autores consideram que se carece ainda de uma teoria abrangente e compreensiva nesta área (Cabrera et al., 2007; Palkovitz, 2007).

A perspetiva psicanalítica não tem vindo a privilegiar o papel do homem enquanto cuidador primário da criança, atribuindo-lhe antes um papel de autoridade e de líder patriarcal dentro da família (Freeman, 2008). Tradicionalmente, é à mãe que se atribui o papel de principal cuidadora da criança, com quem se estabelece inicialmente a relação de objeto que permite ao indivíduo a formação do *Eu* (Malpique, 1990). No entanto, apesar da ênfase colocada na figura materna, alguns autores têm vindo a reconhecer e a investigar o papel do pai no âmbito desta perspetiva.

Malpique (1990) realça a importância da representação psíquica e da subjetividade em psicanálise, distinguindo entre pai real e pai imaginário. O pai existe, portanto, no registo do real, mas também existe no registo do imaginário, sendo um objeto interno da criança. Da mesma forma, também o pai, perante o filho real, interage com ele consoante as representações que construiu dele.

O pai surge, na conceptualização psicanalítica, como uma figura de referência na vida da criança, podendo funcionar como suporte da figura materna, objeto amoroso, como rival edipiano, como objeto de identificação, etc.. Numa fase inicial da vida do bebé, o pai exerce funções indiretas, isto é, de apoio, de suporte (Malpique, 1990) e de proteção relativamente a tudo o que interfira no vínculo entre mãe e filho (Winnicott, 1964/1966). Contudo, segundo Winnicott (1964/1966), nos primeiros tempos de vida os pais podem ser, igualmente, “boas mães”, por curtos períodos de tempo, atribuindo-se, assim, aos homens funções de *maternage*. No entanto, o autor admite que a aproximação do pai ao bebé depende da atitude da mãe, e da forma como ela possibilita/constrói essa aproximação.

Acresce que o complexo de Édipo sublinha o papel estruturante do pai para o desenvolvimento da criança (Golse, 2001). O período edipiano situa-se entre os 2/3 anos e os 5/6 anos, embora Klein (1959) situe o início do conflito edipiano no primeiro ano de vida, o que sugere a relevância do papel do pai desde uma fase muito precoce da vida. A interdição é fundamental nesta fase, permitindo à criança renunciar ao desejo e, por fim, definir uma identidade sexual clara e um super-eu autónomo (Ferreira, 1990). Para Coimbra de Matos (2001), o conflito edipiano permite a saída da ambivalência, e é basilar para a construção da personalidade da criança. A figura paterna surge como um elemento organizador fundamental, permitindo a identificação sexual, o acesso ao simbólico, a linguagem mais elaborada, o pensamento lógico e as interdições morais, entre outros (Malpique, 1990). Contudo, as funções atribuídas ao pai dependem da forma como ambas as figuras parentais agem com a criança.

Winnicott (1964/1966) aponta algumas das formas segundo as quais o pai tem impacto para o desenvolvimento da criança. Em primeiro lugar, funciona como suporte à mãe e, ao ser um dos elementos da relação marital, contribui não só para a representação de casal que a criança constrói, como, se esta relação for suficientemente boa, para um sentimento de segurança na criança. Em segundo lugar, o pai funciona como a imagem da lei e da ordem, sendo um elemento de autoridade. Em terceiro lugar, o pai é fundamental não só pelas suas próprias características de personalidade, mas

também porque, ao aceitar as características do filho, contribui para o desenvolvimento da própria individualidade da criança. Winnicott (1964/1966) refere mesmo que as crianças quando “olham” para o pai vão construindo, pelo menos em parte, os seus ideais.

De acordo com a abordagem psicanalítica, a relação pai-criança é igualmente influenciada pelas relações que os próprios pais tiveram na infância, nomeadamente pelas representações e internalizações do indivíduo relativamente à figura paterna (Gomes & Resende, 2004). Salienta-se ainda que a forma como o indivíduo foi amado e valorizado pelos pais permitiu-lhe ir construindo o seu narcisismo (Coimbra de Matos, 2001), influenciando o modo como se coloca perante a paternidade.

1.3 Envolvimento Paterno

1.3.1 Definição, Modelos Conceptuais e Consequências para a Criança

O pai moderno está, como se referiu antes, mais envolvido ao longo do crescimento da criança (Lima et al., 2011), o que põe em causa a conceptualização tradicional de paternidade (Lamb & Lewis, 2010).

A investigação tem mostrado que houve um aumento do envolvimento paterno nas últimas décadas (e.g., Parke, 2002; Yeung et al., 2001), apesar de continuar a ser a mãe quem está mais envolvida nos cuidados e educação dos filhos (Lima et al., 2011). Numa linha diferente, Palkovitz (1997) considera que, à medida que aumenta a investigação sobre o envolvimento paterno, maior é a compreensão de que o pai e a mãe atuam em diferentes dimensões da vida da criança e que, por isso, não é possível afirmar qual dos dois mais participa. Segundo alguns autores, este crescente envolvimento paterno manifesta-se sobretudo em crianças em idade pré-escolar (e.g., Tamis-LeMonda & Cabrera, 1999).

O envolvimento paterno é um conceito complexo que assume diferentes significados em função de uma diversidade de fatores como a época histórica, tipo de cultura, classe social, fase de desenvolvimento da criança e dos pais, e das próprias circunstâncias de vida, pelo que não pode ser entendido como enquadrado apenas numa disciplina (Parke, 2000), devendo considerar-se antes a pluralidade de conceitos e modelos que lhe estão subjacentes.

A sua conceptualização não reúne consenso entre os investigadores (Cabrera et al., 2007; McBride et al., 2005; Palkovitz, 1997), tornando-se difícil fazer comparações ou generalizações também em termos da sua medição, variando os estudos neste âmbito

na amostra usada, na metodologia e na idade das crianças (Yeung et al., 2001). Tal diversidade ajudaria a explicar a coexistência de múltiplos modelos conceituais associados ao envolvimento paterno.

O chamado modelo tripartido proposto por Lamb, Pleck, Charnov, e Levine (1987) continua a ser um dos mais influentes na literatura contemporânea. De acordo com os autores, o envolvimento paterno abrange três componentes. Primeiramente, Lamb et al. (1987) identificam o compromisso, que se refere ao contacto direto entre a criança e o pai, aos cuidados, e à interação estabelecida entre ambos. Em segundo lugar, a acessibilidade, que remete para disponibilidade do pai para a criança, quer psicológica quer física. Por fim, a responsabilidade, que diz respeito ao papel do pai em assegurar que a criança tenha acesso aos recursos necessários e esteja a ser adequadamente cuidada, reconhecendo e implementando estratégias para lidar com as suas necessidades físicas, sociais, emocionais e cognitivas. Esta componente é distinguida por Lamb (2002) como a mais significativa.

Lamb et al. (1987) identificam, igualmente, quatro fatores que influenciam o envolvimento paterno: a motivação, as competências, o apoio social e as práticas institucionais. A motivação do homem para a parentalidade articula-se com as crenças e atitudes que considera serem mais positivas, e é influenciada pela sua perspetiva relativamente ao papel parental, isto é, a sua identidade parental (Pleck, 2012), dependendo, assim, da relevância que o homem atribui ao seu papel enquanto pai. Nesta linha, McBride et al. (2005) realçam a importância da identidade paterna na definição de envolvimento, uma vez que, comparativamente com o papel da mãe, existem menos normas sociais que guiem o comportamento do pai, daí o seu papel estar mais dependente das características individuais do homem. A motivação liga-se, ainda, à satisfação marital e à autoestima (Lamb et al., 1987). Acresce que as competências e a autoconfiança do homem estão relacionadas com as experiências e aprendizagens ao longo da vida. Lamb (1992) realça a necessidade de o homem ir disfrutando do tempo com os filhos para que, progressivamente, possa desenvolver a sua autoconfiança como pai. Por último, tanto o apoio social (dos pais, da mulher, dos amigos e dos colegas de trabalho) como os fatores e práticas institucionais (por exemplo, a licença de paternidade) são ainda importantes no envolvimento do homem, podendo contribuir para aumentar ou inibir o seu envolvimento com a criança (Lamb et al., 1987).

Pleck (2007) propõe que o modelo apresentado por Lamb e colaboradores seja considerado um modelo de envolvimento paterno positivo, uma vez que os autores

incluem apenas um tipo de envolvimento, que é positivo, e que, como tal, estimula o desenvolvimento da criança. Já de acordo com Palkovitz (1997), o modelo proposto por Lamb et al. (1987), embora constitua um avanço na conceptualização do envolvimento paterno, não permite uma abordagem compreensiva do conceito. O autor não considera desejável definir categorias de envolvimento exclusivas e exaustivas, mas antes um constructo contínuo. O envolvimento ótimo ocorre quando ambos os pais avaliam de forma adequada quer os seus pontos fracos e fortes, quer os recursos e benefícios que estão associados à sua participação na família, quer ainda as necessidades da própria família (Palkovitz, 1997).

É neste contexto que Palkovitz (1997) apresenta um modelo que pretende caracterizar o envolvimento paterno. Identifica três grandes domínios: o domínio comportamental, o cognitivo e o afetivo. Para corroborar esta relação, Palkovitz (1997) preconiza uma conceptualização multidimensional do envolvimento paterno e identifica 15 categorias, que correspondem a formas em que o pai está envolvido. Posteriormente, Palkovitz (2007) propõe uma abordagem compreensiva da relação pai-criança, considerando três dimensões essenciais. A primeira dimensão refere-se ao clima afetivo (conexão, vinculação, presença, calor e confiança), a segunda, ao estilo comportamental (controlo, segurança, modelagem e estilo relacional) e, por fim, a sincronia relacional (sensível e ajustada à fase de desenvolvimento da criança).

Cabrera et al. (2007) também desenvolveram um modelo explicativo do envolvimento paterno. Este modelo, designado Modelo Heurístico do Envolvimento Paterno, é dinâmico e assume que o nível de envolvimento paterno está sistematicamente em mutação e que os papéis da mãe e do pai são indissociáveis e complementares. As variáveis que constituem o modelo incluem as características do pai e as características da criança, que são influenciadas por fatores contextuais e pelas características da família.

Parke (2000), por seu turno, apresenta um modelo que pretende organizar quatro determinantes do envolvimento paterno: as influências individuais, a família (diádica e triádica), as influências extrafamiliares e as influências culturais. O autor distingue ainda os contextos em que se traduz o envolvimento paterno (brincadeira, lazer e ensino), a forma como ele acontece (falar, tocar e alimentar) e as dimensões que o caracterizam (grau, saliência e observabilidade).

O estudo do envolvimento paterno tem-se tornado cada vez mais inclusivo, compreensivo e multidisciplinar, utilizando-se cada vez mais uma abordagem

processual (Pleck, 2012). Neste sentido, não só é valorizada a quantidade de tempo que o pai passa com a criança, mas também a qualidade da relação estabelecida entre os dois e as vivências que daí decorrem (Adamsons, O'Brien, & Pasley, 2007; Pleck, 2012). Com efeito, a qualidade da relação parece ser o fator mais determinante do desenvolvimento da criança (Pimenta et al., 2010) e não a quantidade de tempo que o pai passa com ela, a qual poderá ter, inclusivamente, efeitos adversos quando a interação pai-criança tem consequências negativas para a criança (Palkovitz, 1997). A qualidade da relação torna-se essencial para a compreensão do envolvimento paterno, sempre em articulação com a visão mais tradicional, que inclui dimensões mais de tipo instrumental e económico (Lamb et al., 1987). Neste sentido, surge também a necessidade de tornar as metodologias de investigação mais sofisticadas (Pleck, 2007). Nas últimas décadas, os estudos empíricos acerca da paternidade têm vindo a recorrer a múltiplos informantes, dando importância ao papel da mãe e analisando o efeito indireto do envolvimento paterno para a criança.

Uma análise comparativa do envolvimento paterno e materno permite constatar que, tanto o pai como a mãe, têm um papel ativo na vida da criança, são capazes de interpretar o comportamento desta e de responder de acordo com as suas necessidades e fases de desenvolvimento (e.g., Cabrera, Shannon, & Tamis-LeMonda, 2007; Lamb, 1992; Lamb & Lewis, 2003; Shannon et al., 2006). Embora os papéis que a mãe e o pai desempenhem no contexto familiar possam ser complementares, diferenciados e variem em função do processo de desenvolvimento da criança, considera-se que, no seu conjunto, as funções, estilos parentais e consequências para o desenvolvimento da criança são equivalentes (Cabrera et al., 2007; Finley, Mira, & Schwartz, 2008; Lamb, 1992; Lamb & Lewis, 2010).

Não obstante mãe e pai terem funções semelhantes, em vários estudos capta-se, no entanto, um menor investimento por parte dos homens, que desempenham as funções parentais menos frequentemente (Belsky, 1984; Davis & Perkins, 1996; Feldman, 2000; Fletcher & Silberberg, 2006; Lamb, 1992; Lima et al., 2011; Parke, 2002; Torres, 2004; Yeung et al., 2001). O homem surge como tendo um papel secundário em relação à mãe, sendo esta quem assume o papel principal ao assegurar a maior parte dos cuidados diretos e indiretos. Esta diferença reflete-se principalmente ao nível da organização e planeamento (Davis & Perkins, 1996), e inclui aspetos como a limitação do tempo de brincadeira, o levar a criança ao médico ou a supervisão das crianças (Parke, 2000, 2002).

O envolvimento paterno continua a surgir sobretudo associado ao jogo, ao sustento económico da família e à autoridade e disciplina (Lima et al., 2011). De facto, os pais tendem a passar mais tempo em atividades lúdicas e jogos (Lima et al., 2011; Palkovitz, 1997), ao passo que as atividades de cuidado e atividades funcionais são atribuídas às mães, apesar de o pai ser também um elemento essencial na interação mãe-criança (Finley, Mira, & Schwartz, 2008; Monteiro et al., 2008; Monteiro et al., 2010). Os pais tendem a ser mais físicos e “tácteis” na interação lúdica, enquanto as mães utilizam mais a verbalização, temas didáticos e o brinquedo (Parke, 2002). A socialização e as atividades de lazer surgem como as componentes mais salientes na relação pai-criança (Parke, 2002).

Em Portugal, os estudos colocam em evidência um conceito de paternidade que também não obedece ao modelo tradicional de suporte financeiro, dando saliência a outros aspetos da relação pai-criança, nomeadamente na área dos cuidados (Balanchó, 2004; Monteiro et al., 2010; Simões et al., 2010a; Torres, 2004).

A investigação de Simões et al., (2010a) revela que os pais têm uma perceção de si mesmos enquanto envolvidos e disponíveis nos cuidados e na educação da criança. O pai atual está mais presente no dia a dia da criança, é sensível, afetuoso e compreensivo (Balanchó, 2004), contrariando a perceção de pai tradicional enquanto disciplinador e autoritário. Está igualmente mais envolvido no desenvolvimento social e educacional da criança (Simões et al., 2010a). É um novo pai, associado a uma mudança de expectativas, crenças e representações sociais (Balanchó, 2004). Contudo, também em Portugal continua a ser a mãe quem está mais envolvida e disponível para a parentalidade (Monteiro et al., 2010; Pimenta et al., 2010; Simões et al., 2010a; Torres, 2004; Torres, Veríssimo, Monteiro, Ribeiro, & Santos, 2014). Alguns autores consideram que, neste sentido, se mantém uma visão mais tradicional em que o pai assume apenas um papel secundário, mesmo quando a disciplina e as atividades lúdicas são partilhadas de forma igualitária por ambos os progenitores (Monteiro et al., 2010; Pimenta et al., 2010), ainda que nestas últimas a participação do pai seja, contudo, mais expressiva (Torres, 2004).

As mudanças ocorridas têm vindo a refletir-se na conceção de paternidade, incluindo em Portugal. As mudanças são atribuíveis não só a alterações sociais, já referidas, mas também a diferenças individuais que se articulam com as vivências na família de origem e com as representações paternas (Balanchó, 2004), sendo, por isso, necessário contemplar diferentes variáveis. Pensar na evolução do papel do pai implica

compreender que a mudança alterna entre uma perspectiva moderna e uma perspectiva conservadora, e que a forma como o pai se relaciona com a criança vai ter influência no seu desenvolvimento.

A relação pai-criança assume, desta forma, uma importância fundamental no desenvolvimento da criança (Lamb & Tamis-LeMonda, 2004; Monteiro, 2007). O pai interage com a criança com sensibilidade e responsividade, formando com ela um laço desde os primeiros tempos de vida (Lamb, 2002).

Alguns autores realçam que a contribuição do envolvimento paterno para o desenvolvimento físico, emocional e cognitivo da criança é única e exclusiva (Cabrera et al., 2007; Lamb & Lewis, 2003; Pleck, 2012). Esta contribuição reflete-se quer de uma forma indireta, através do suporte económico e do apoio à mãe em vários domínios, quer diretamente, através do contacto, brincadeira, cuidado e ensino da criança (Lamb, 1992). O envolvimento paterno positivo do pai contribui para que esta revele melhores competências cognitivas, sociais (Torres et al., 2014) e de comunicação, um melhor ajustamento psicológico e um locus de controlo interno (Lamb, 1992; Shannon et al., 2006). A influência benéfica do pai no desenvolvimento da criança é também confirmada pelos estudos no âmbito da ausência paterna, já que a ausência do pai surge na literatura associada a problemas de tipificação sexual, e no desenvolvimento da identidade sexual, no ajustamento psicológico e no controlo da agressividade (Lamb, 1992). A presença do pai está, por isso, associada a um *Eu* mais “forte” e a uma maior possibilidade de que os processos de identificação sejam mais seguros (Malpique, 1990).

Pleck (2007) propõe quatro linhas teóricas para enquadrar a influência do envolvimento paterno no desenvolvimento da criança: a teoria da vinculação, a teoria do capital social, o modelo ecológico de Bronfenbrenner e a teoria do pai essencial. A primeira, a teoria da vinculação, preconiza que um maior envolvimento paterno promove a vinculação da criança ao pai, possibilitando-lhe uma base segura a partir da qual ela poderá explorar o mundo. Por sua vez, a teoria do capital social postula que o envolvimento paterno se associa aos recursos materiais e não-materiais que proporcionam aos filhos, bem como à forma como estimulam o desenvolvimento sociocognitivo da criança. No que se refere ao modelo ecológico de Bronfenbrenner, considera-se que a relação da criança com o pai é marcada por um padrão de interações recíprocas e complexas que se integram num sistema bio-ecológico alargado. O pai situa-se no microssistema, relacionando-se com os filhos de forma única e contribuindo

para criar um espaço que permita à criança o seu desenvolvimento. Por último, a teoria do pai essencial, realça o papel do pai como indispensável ao desenvolvimento da criança em várias áreas da sua vida.

Uma vez que o conceito de envolvimento paterno é multifacetado, múltiplas variáveis deverão ser consideradas como potencialmente influentes neste envolvimento. Nos pontos seguintes, dá-se destaque a um conjunto de variáveis específicas pela sua pertinência no âmbito deste trabalho. Trata-se de variáveis do pai, psicológicas e sociodemográficas, de variáveis da relação com a família de origem e de variáveis da relação marital, designadamente a satisfação conjugal.

1.3.2 Relação do Envolvimento Paterno com Variáveis do Pai, da Criança, da Família de Origem e da Relação Marital

1.3.2.1 Variáveis do Pai

1.3.2.1.1 Variáveis Psicológicas

Belsky (1984) sublinha o papel dos recursos psicológicos dos pais, pelos seus efeitos diretos e indiretos na parentalidade. O autor refere que quando os pais são psicologicamente saudáveis adotam uma atitude mais calorosa e empática perante a criança e adquirem mais facilmente outros recursos periféricos, o que promove o desenvolvimento desta. Acresce que estudos no âmbito da personalidade sugerem que a maturidade psicológica se relaciona com um comportamento mais sensível e responsivo para com os filhos (ver Belky & Barends, 2002).

O homem psicologicamente maduro tem características de personalidade que lhe permitem atender tanto à sua perspetiva como à da criança e, assim, regular as suas emoções e ser mais paciente e tolerante com ela (Early Child Care Research Network [NICHD], 2000). O ajustamento psicológico dos pais associa-se às suas atitudes para com a criança, à sua autoestima e à perceção da relevância que atribui ao seu papel enquanto pai (Cox, Owen, Lewis, & Henderson, 1989; McBride et al., 2005).

A parentalidade tem igualmente implicações para o pai, associando-se ao seu bem-estar e ajustamento psicológico (Eggebeen & Knoester, 2001), constatando-se mesmo, de forma mais específica, que um nível elevado de envolvimento paterno prediz o bem-estar psicológico dos pais (Schindler, 2010). Na mesma linha, alguns estudos mostram que os homens com filhos, comparativamente com aqueles que não os têm, apresentam um melhor ajustamento psicológico, estando a paternidade associada, por exemplo, com menos comportamentos de risco (Barnett, Marshall, & Pleck, 1992). De

facto, a paternidade tem um efeito transformador para o homem e reflete-se em formas mais maduras de se relacionar, cuidar e respeitar crenças e valores (Dollahite et al., 1997), o que se transfere também para contextos fora da família.

De forma inversa, a psicopatologia parental associa-se a consequências negativas para a criança e a um pior funcionamento familiar (Hughes, Hedtke, & Kendall, 2008), tendo a investigação vindo a demonstrar uma associação entre uma saúde mental deficitária e características da paternidade, tal como evidencia a investigação na área da depressão (Cabrera, Hofferth, & Chae, 2011; Jacob & Johnson, 1997; Paulson, Dauber, & Leiferman, 2011).

Neste âmbito, tem sido encontrada uma associação entre um elevado envolvimento paterno e níveis baixos de sintomas depressivos (Bronte-Tinkew, Moore, Matthews, & Carrano, 2007; Cabrera et al., 2011; Kotila & Dush, 2013; Paulson et al., 2011), sendo que a população-alvo destes estudos é constituída maioritariamente por pais de crianças em idade pré-escolar. Os sintomas depressivos estão ainda positivamente associados com o *stress* parental, e inversamente relacionados com o apoio na coparentalidade e com a qualidade da relação entre os pais (Bronte-Tinkew et al., 2007).

Os sintomas depressivos do pai associam-se igualmente com problemas emocionais e comportamentais da criança, designadamente com sintomas internalizantes e externalizantes, com conflito na relação com o pai (Kane & Garber, 2004), com uma menor expressão de afetividade e com problemas ao nível da comunicação (Jacob & Johnson, 1997), constatando-se ainda que os pais estimulam menos os seus filhos, são menos positivos e estão menos envolvidos (Bronte-Tinkew et al., 2007). Adicionalmente, os sintomas depressivos do pai poderão contribuir para o seu afastamento da vida dos filhos, tendo o pai dificuldade em permanecer envolvido na interação (Paulson et al., 2011). Parece haver ainda uma tendência para que, quando um dos membros do casal experiencia sintomas depressivos, o outro tente compensar a nível da parentalidade, dando respostas mais apoiantes à criança (Nelson, O'Brien, Blankson, Calkins, & Keane, 2009). No entanto, pouco se sabe acerca da forma como a depressão parental afeta o envolvimento do pai (Bronte-Tinkew et al., 2007), nomeadamente em crianças em idade escolar.

Embora a investigação que foca a ansiedade no pai seja mais escassa (Teetsel, Ginsburg, & Drake, 2014), sobressai que a sintomatologia ansiosa pode ter igualmente consequências negativas para a criança. Verifica-se que esta sintomatologia se associa

não só com *stress* e dificuldades ao nível da parentalidade, mas também com o conflito marital, (e.g., Bronte-Tinkew et al., 2007; Cox et al., 1989; Isacco, Garfield, & Rogers, 2010; Spector, 2006). Acresce que a ansiedade paterna se associa a um funcionamento familiar menos adequado e com perturbações de ansiedade na criança (Hughes et al., 2008). Este dado é consonante com os de autores que mostram que as crianças com pais ansiosos são também mais suscetíveis de desenvolverem problemas de ansiedade (Teetsel et al., 2014). O modelo dos “Big Five” considera cinco traços de personalidade, entre os quais o neuroticismo, caracterizado por uma afetividade negativa (Parke, 2002). Os indivíduos que obtiverem resultados altos na escala de neuroticismo terão uma predisposição para experienciar ansiedade e hostilidade. Investigação enquadrada neste modelo revela que o neuroticismo se associa a comportamentos menos favoráveis para com a criança, observando-se dificuldade em estimular a sua autonomia (Parke, 2002).

A presença de sintomas depressivos e de ansiedade relaciona-se, pois, com uma parentalidade menos competente e com um menor envolvimento paterno, o que acarreta consequências para a criança. Salienta-se que não só existem poucos estudos dirigidos para a relação da paternidade e do envolvimento paterno com a sintomatologia depressiva e, sobretudo, ansiosa, como esta relação está pouco estudada quando as crianças têm idade escolar, faixa etária visada na presente pesquisa.

1.3.2.1.2 Variáveis Sociodemográficas

Para além das variáveis psicológicas do pai, também variáveis sociodemográficas específicas se têm relacionado com o envolvimento paterno, dando-se em seguida destaque à idade, nível de escolaridade e número de filhos, por serem alvo de estudo neste trabalho.

A investigação que analisa a influência da idade do pai no envolvimento paterno não é consistente. Por um lado, grande parte da literatura aponta para que haja um maior envolvimento dos pais mais velhos (Arendell, 1996; Gavin, Black, Minoie, Abel, Papas, & Bentley, 2002; Lima citado por Monteiro et al., 2010; Monteiro et al., 2015; Shannon et al., 2006), o que poderá dever-se a capacidades parentais mais limitadas por parte dos pais mais novos (e.g., Arendell, 1996; Gavin et al., 2002; Shannon et al., 2006), a um menor número de oportunidades de emprego ou a dificuldades ao nível do apoio financeiro (Arendell, 1996), ou dever-se ainda a uma menor disponibilidade psicológica dos pais mais novos e a uma tendência para não se sentirem tão gratificados com o papel parental como os mais velhos (Monteiro et al., 2015). Ainda nesta linha, a

investigação mostra mesmo que a paternidade durante a adolescência se relaciona com consequências adversas quer para os pais, quer para as crianças (Arendell, 1996; Gavin et al. 2002).

Por outro lado, e num sentido contrário, alguma literatura também sugere que os pais mais novos estão mais envolvidos com os filhos (NICHD, 2000), uma vez que participam em tarefas tradicionalmente femininas e, paralelamente, adotam estratégias de interação com as crianças mais flexíveis e inovadoras (Balanchio, 2004; Marks & Palkovitz, 2004). No estudo de Monteiro et al. (2010), verificou-se que, quanto maior a idade do pai, menor a disponibilidade a nível dos cuidados indiretos e da disciplina. Acresce que, noutros estudos, não foi encontrada uma associação entre o envolvimento e a idade do pai (Simões et al., 2010a).

Relativamente à instrução do pai, sobressai que um nível mais elevado de escolaridade prediz um maior envolvimento paterno (Arendell, 1996; Cabrera et al., 2007; Flouri & Buchanan, 2003; Monteiro, 2007; Monteiro et al., 2008; Pimenta et al., 2010; Shannon et al., 2006; Torres, 2004; Torres et al., 2014; Yeung et al., 2001). As habilitações literárias do pai relacionam-se ainda positiva e significativamente com atividades a nível da brincadeira (Monteiro et al., 2008), havendo também por parte dos pais mais escolarizados uma maior estimulação social e cognitiva da criança, nomeadamente em atividades relacionadas com a escola (Cabrera et al., 2011). Estes pais estão mais acessíveis nos dias de semana (Yeung et al., 2001), estão mais conscientes das necessidades da criança e aparentam ter mais recursos que promovem o seu crescimento e aprendizagem. No entanto, Monteiro et al. (2010) concluem que, quando o nível de escolaridade do pai é mais elevado, embora o envolvimento paterno aumente em atividades de organização e planeamento, diminui quando está em causa a atividade lúdica.

Uma referência também a que, quando o pai está desempregado, a investigação aponta, mais uma vez, em sentidos diferentes, tendo sido demonstrado que, por um lado poderá aumentar o envolvimento com a criança (Flouri & Buchanan, 2003; Torres et al., 2014) ou que, por outro lado, o *stress* associado ao desemprego possa contribuir para uma maior dificuldade em atender às necessidades dos filhos (Cabrera et al., 2011).

Face ao número de filhos, compreensivelmente a literatura empírica aponta para que, quanto maior for o número de filhos, menor será o envolvimento paterno (e.g., Flouri & Buchanan, 2003; Van Dijk & Siegers, 1996; Wood & Repetti, 2004). Tal poderá dever-se não só ao número superior de horas passadas a trabalhar, devido à

pressão a nível económico, mas também às dificuldades na organização quando a família é mais numerosa, o que implica recursos e cuidados acrescidos para com as crianças (Simões et al., 2010a). Contudo, no estudo de Monteiro et al. (2010) não se verificou uma relação significativa entre o envolvimento paterno e o número de irmãos da criança.

1.3.2.2 Variáveis Sociodemográficas da Criança

Para além das características dos pais, também as características das crianças interferem na forma como estes interagem com elas. O sexo da criança, por exemplo, articula-se com o envolvimento do pai desde o seu nascimento (Arendell, 1996). A investigação tem vindo a demonstrar que os homens tendem a passar mais tempo e a estar mais envolvidos com os rapazes do que com as raparigas (Arendell, 1996; Monteiro, 2010; NICHD, 2000; Wood & Repetti, 2004; Yeung et al., 2001). No estudo de Monteiro et al., (2010), verificou-se que os homens participam mais em atividades de brincadeira e em atividades ao nível dos cuidados diretos com os filhos rapazes do que com as filhas. Para além disso, há uma tendência para que os homens se envolvam mais com os filhos em atividades tradicionalmente masculinas e em atividades que estimulem a sua independência e a autonomia (Wood & Repetti, 2004). Constata-se uma maior preocupação em serem modelos de autoridade e de disciplina (Lima et al., 2011), e fomentam uma maior responsabilização (NICHD, 2000) quando os filhos são do sexo masculino. No estudo de Yeung et al. (2001), sobressai ainda que os pais passam mais 18 minutos por semana com as crianças do sexo masculino (do que com as do sexo feminino) e em atividades em conjunto. O envolvimento com os rapazes parece ser também mais estável ao longo do tempo, comparativamente com o envolvimento com as raparigas (NICHD, 2000).

Wood e Repetti (2004) acentuam que o envolvimento paterno é um processo dinâmico que influencia a relação com o filho e com a filha de forma diferente ao longo da vida. O estudo de Lima e Rodrigues (2012) vai em parte nesta linha, observando-se que apenas na dimensão Responsabilidade do modelo tripartido de Lamb é que o envolvimento paterno é superior para os filhos rapazes, em particular ao nível da autoridade e disciplina.

Também a idade da criança se relaciona com o envolvimento paterno. Segundo Lamb (1987), os pais tendem a despender mais tempo com as crianças mais novas. Yeung et al. (2001), na mesma linha, referem que as crianças mais velhas passam

menos tempo com os pais em atividades de cuidados, no jogo e em outras atividades partilhadas. No entanto, de acordo com os autores, elas passam mais tempo com os pais em atividades relacionadas com o mérito e desempenho pessoal e em atividades sociais. De facto, a maioria da investigação aponta no sentido de que os pais estão mais envolvidos com crianças mais velhas do que com crianças mais novas (e.g., Pimenta et al., 2010; Wood & Repetti, 2004), o que poderá articular-se com a dificuldade dos homens em se envolverem em atividades tradicionalmente atribuídas às mães, as quais podem ser mais comuns, por exemplo, nos primeiros tempos de vida da criança (Wood & Repetti, 2004).

De facto, salienta-se que o envolvimento do pai, comparativamente com o envolvimento da mãe, vai aumentando à medida que a criança vai ficando mais velha, em particular na transição entre a idade pré-escolar e a idade escolar (Yeung et al., 2001), e em atividades ao nível da brincadeira (Pimenta et al., 2010).

1.3.2.3 Família de Origem

A forma como os pais exercem a parentalidade é influenciada pelas experiências que tiveram na infância com os seus próprios pais, como o salientam alguns autores (Belsky, 1984; Cabrera et al., 2000; Parke, 2002). De facto, verifica-se que o ajustamento à parentalidade resulta de um legado intergeracional, nomeadamente no que diz respeito às dificuldades parentais (Belky & Barends, 2002).

Num estudo já clássico, Belsky e Isabella (1985) referem-se à relação que existe entre as experiências na família de origem e as experiências na vida adulta, estando a relação com a família de origem associada com o comportamento atual do indivíduo enquanto pai. Também a perspetiva psicanalítica tem vindo a salientar a continuidade geracional. Lacan (1978/1981) realça a continuidade psíquica que existe entre gerações cuja causalidade é de ordem mental. Stern (1992) realça a necessidade de entender a interligação entre o mundo subjetivo da mãe e o mundo subjetivo da criança. Para o autor, as representações internas da mãe, nomeadamente as que se referem à relação com a sua própria mãe, influenciam a experiência de maternidade e o comportamento com o filho.

Na literatura, dá-se relevo a duas perspetivas – a da modelagem e a de compensação (Beaton & Doherty, 2007; Floyd & Morman, 2000). Por um lado, de acordo com a perspetiva da modelagem, a relação positiva com a família de origem poderá replicar-se no comportamento dos pais com os seus filhos, funcionando a família

de origem como um modelo para a interação pai-criança (Beaton & Doherty, 2007; Floyd & Morman, 2000). Neste sentido, a relação marital harmoniosa na família de origem, aliada a uma relação calorosa e apoiante com os seus próprios pais, permitirá que os comportamentos e atitudes na relação dos pais com os filhos sejam, igualmente, mais ajustados (Beaton & Doherty, 2007; Floyd & Morman, 2000). Esta perspetiva tem por base a teoria da aprendizagem, segundo a qual a competência do pai para a parentalidade resulta de um processo longo e complexo que se origina em relações de proximidade (Bradford & Hawkings, 2006). No estudo de Lima, Serôdio e Cruz (2009), quando os pais tinham uma representação do seu próprio pai como apoiante e estimulante e como participativo nas tarefas domésticas, mostravam-se mais envolvidos a nível da parentalidade. A proximidade e o afeto em relação à família de origem constituem-se, por isso, como preditores de uma maior proximidade e adequação em relação à paternidade (Beaton & Doherty, 2007; Floyd & Morman, 2000).

Por outro lado, destaca-se a perspetiva que realça um processo de compensação em que os pais com uma relação negativa com a família de origem teriam comportamentos mais positivos com os filhos (ver Floyd & Morman, 2000). Face ao “sentimento de falta” na relação com os seus próprios progenitores, o pai torna-se mais envolvido na relação com os filhos. Daly (1993), a partir de entrevistas com pais, analisa como eles vão construindo, a partir da sua história individual, a sua identidade parental. Com efeito, os homens indicam várias figuras como modelos que influenciam a forma como se colocam perante a paternidade, realçando o papel dos próprios pais. O modelo dos seus pais permite-lhes não só adotar posturas e comportamentos similares aos deles, como diferenciarem-se deles no exercício da paternidade. O estudo revela que quer as mães, quer as esposas constituem igualmente modelos significativos para os pais. Consistente com a hipótese de compensação, quando o modelo na família de origem do homem não foi sentido como “suficientemente bom”, então ele dará importância a poder constituir-se como um bom modelo de identificação para o seu próprio filho. No estudo de Daly (1993), surge, simultaneamente, a necessidade de que os homens, a partir dos modelos de que dispõem, possam ir criando a sua própria identidade como pais.

Assim, a representação que o homem tem das relações com a sua família de origem serve de modelo para si como pai, tal como aconteceu com os pais de outras gerações (Parke, 2002).

A temática relativa à influência da família de origem carece de investigação, existindo poucos estudos centrados na relação das experiências na família de origem com as atitudes e comportamentos do pai no futuro. O presente estudo enquadra-se nesta linha de pesquisa.

1.3.2.4 Relação Marital

A relação marital constitui uma dimensão essencial da vida adulta (Smock, 2004; Torres, 2004). Tem um forte impacto não só no indivíduo, mas também na dinâmica familiar e, conseqüentemente, no desenvolvimento da criança (Barnett et al., 1992; Belsky, 1984; Bradford & Hawkins, 2006; Feldman, 2000; Lamb, 2000), daí a relevância da investigação dirigida para as conseqüências desta relação na paternidade.

Tem sido demonstrado que a qualidade da relação marital afeta diretamente aspetos da parentalidade, quer para os pais quer para as mães (e.g., Ganiban et al., 2009), assim como a parentalidade influencia a relação do casal (Bradford, & Hawkins, 2006, Feldman, 2000), tendo os subsistemas familiares impacto uns nos outros. A influência da relação marital na parentalidade surge como mais poderosa na relação pai-criança do que na relação mãe-criança (Belsky et al., 1984; Belsky, Youngblade, Rovine, & Volling, 1991; Nelson et al., 2009), estando o homem mais dependente de fatores externos para se envolver na parentalidade (Lima et al., 2011).

No que se refere especificamente à satisfação conjugal, variável incluída no presente estudo, a sua definição não é consensual. Belsky (1990a) caracteriza a satisfação conjugal como o conjunto complexo de sentimentos subjetivos de felicidade e contentamento quando o indivíduo avalia a qualidade da sua relação conjugal. Também Huston, & Vangelisti (1991) caracterizam a satisfação conjugal como a avaliação global e relativamente estável no tempo acerca da relação do casal. De acordo com os autores, a negatividade está consistente e inversamente relacionada com a satisfação no casal. Amato, Johnson, Booth, e Rogers (2003) distinguem três componentes que caracterizam o conceito de satisfação conjugal: a felicidade com que o casal avalia o casamento; as interações estabelecidas no casal e as crenças sobre o divórcio. Estas componentes são influenciadas pela partilha e negociação no casal, pela divisão das tarefas domésticas e pelo número de horas de trabalho da mãe.

A satisfação conjugal é um fator essencial para a continuidade da relação (Hendrick & Hendrick, 1997). Embora esta satisfação seja muito variável ao longo do tempo (Amato et al., 2003; Bradbury & Karney, 2004), parece haver uma tendência

para que ela vá diminuindo à medida que o tempo passa (Amato et al., 2003). A satisfação conjugal é também mais elevada em casais sem filhos (Twenge, Campbell & Foster, 2003) e, dentro do casal, os homens reportam maior satisfação do que as mulheres (Amato et al., 2003). No caso dos elementos do casal avaliarem a satisfação conjugal de forma semelhante, tal facto revela uma maior capacidade de atenderem ao ponto de vista do outro e demonstra que o casal tem uma relação baseada na partilha e negociação, o que prediz também uma maior sensibilidade na relação com a criança (Feldman, 2000).

A satisfação conjugal associa-se ainda a uma maior estabilidade emocional das figuras parentais, o que se reflete na interação com a criança. Quando há um declínio na satisfação conjugal, os pais comportam-se com a criança de forma mais negativa, intrusiva e rejeitante, mostrando-se menos sensíveis (Aluja, del Barrio Gándara, & Rodríguez, 2007; Goeke-Morey, & Cummings, 2007). Acresce que outros estudos indicam que o envolvimento da mãe na parentalidade é superior quando a satisfação conjugal é inferior, em particular depois dos primeiros anos da criança (Belsky, 1990b). Tal articula-se com a tentativa por parte das mães de compensarem a falta de satisfação sentida na relação de casal, voltando-se para a parentalidade, ou de compensar a criança pela falta de envolvimento do marido/pai (Belsky, 1990b).

A forma como o pai exerce as funções parentais depende da satisfação com a relação marital, com a manifestação de afetos e com a coesão marital (Simões et al., 2010a). Neste sentido, quanto maior for a satisfação conjugal, maior será também o envolvimento paterno (Jacobs & Kelley, 2006; Mehall, Spinrad, Eisenberg, & Gaertner, 2009; Simões et al., 2010a), estando a qualidade do relacionamento em continuidade com a qualidade da relação com a criança e vice-versa (Adamsons et al., 2007). De facto, as experiências relacionais da relação marital transferem-se para a relação pai-criança (Bradford, K., & Hawkins, 2006; Finchman, 1998). No caso de estas experiências serem menos positivas, as crianças tornam-se mais tristes, menos sociáveis e menos colaborantes com os pais (Fishman, & Meyers, 2000), associando-se ainda a falta de satisfação no casamento com um menor apoio às emoções negativas da criança (Nelson et al., 2009) e a um temperamento mais difícil desta (Mehall et al., 2009). A qualidade da relação marital relaciona-se, portanto, com a qualidade da interação pai-criança e com o bem-estar desta.

Não obstante a investigação acerca da satisfação conjugal ser extensa, o presente estudo pretende dar um contributo adicional para a compreensão da relação do

envolvimento paterno com a satisfação conjugal. Como os estudos são em menor número no contexto português, visa-se contribuir também para aumentar o conhecimento neste contexto específico.

Da revisão de literatura empreendida decorre que o significado de se ser pai vai sendo construído por cada homem ao longo do seu desenvolvimento, o que contribui para que se esteja perante um processo complexo e com múltiplas influências, pelo que a forma como o pai equaciona a parentalidade depende do modo como organiza todos os fatores influentes. Neste estudo, pretende dar-se um contributo para aumentar a compreensão da relação do envolvimento paterno com variáveis específicas, potencialmente influentes neste envolvimento, designadamente variáveis do pai (psicológicas e sociodemográficas), da criança (sociodemográficas) da família de origem e da relação marital, que continuam a carecer de estudo, ou de aprofundamento, quando a criança alvo tem idade escolar.

2. Objetivos e Hipóteses

A revisão de literatura anteriormente apresentada põe em evidência a complexidade da área da paternidade e do envolvimento paterno. Como se referiu, o presente estudo pretende explorar a relação entre a variável envolvimento paterno e diferentes variáveis relevantes para a compreensão deste domínio numa amostra de pais portugueses com filhos em idade escolar. Em primeiro lugar, são apresentados os objetivos do trabalho e, posteriormente, as hipóteses que deles decorrem.

2.1 Objetivos

Objetivo 1: Caracterizar o envolvimento paterno (Cuidados, Disponibilidade, Presença e Disciplina) numa amostra de pais (homens) de crianças em idade escolar (6-10 anos), através da comparação dos resultados obtidos com os da amostra do estudo de validação do instrumento que avalia o envolvimento paterno.

Objetivo 2: Analisar a relação do envolvimento paterno com variáveis do pai: (a) psicológicas (sintomas de ansiedade e de depressão) e (b) sociodemográficas (idade, nível de escolaridade e número de filhos).

Objetivo 3: Analisar a relação do envolvimento paterno com variáveis sociodemográficas da criança (sexo e idade)

Objetivo 4: Analisar a relação do envolvimento paterno com variáveis da família de origem (relação com a mãe e relação com o pai ao longo da vida).

Objetivo 5: Analisar a relação do envolvimento paterno com a satisfação conjugal.

2.1 Hipóteses

Hipótese 1: Espera-se que o envolvimento paterno (pelo menos uma das dimensões) se relacione com variáveis psicológicas do pai, de tal forma que o maior envolvimento paterno se associa a níveis mais baixos nos sintomas de (a) depressão e (b) ansiedade.

Hipótese 2: Espera-se que o envolvimento paterno (pelo menos uma das dimensões) se relacione com pelo menos uma das variáveis sociodemográficas do pai que foram consideradas (idade e/ou nível de escolaridade, e/ou número de filhos).

Hipótese 3: Espera-se que o envolvimento paterno (pelo menos uma das dimensões) se relacione com variáveis sociodemográficas da criança (sexo e/ou idade).

Hipótese 4: Espera-se que quanto maior o envolvimento paterno (pelo menos uma das dimensões) melhor será a relação com a família de origem (relação com a mãe e/ou relação com o pai).

Hipótese 5: Espera-se que quanto maior o envolvimento paterno (pelo menos uma das dimensões) maior será a satisfação conjugal.

3. Método

3.1 Participantes

3.1.1 Caracterização Sociodemográfica dos Pais e das Crianças-Alvo

O presente estudo enquadra-se na investigação da responsabilidade de J. Barrocas, no âmbito do Doutoramento em Psicologia Clínica da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

A caracterização sociodemográfica dos participantes tem por base a Entrevista de Recolha de Dados de Barrocas, Santos e Paixão, criada em 2012 no âmbito da investigação de J. Barrocas acima referida.

Os participantes no estudo são 86 indivíduos do sexo masculino, com filhos com idades entre os 6 e os 10 anos. A idade dos participantes está compreendida entre os 27 e os 53 anos ($M = 41.89$; $DP = 4.97$).

A distribuição dos participantes quanto ao nível de instrução (Quadro 1) revela que a maioria completou 12 ou mais anos de escolaridade (64%), sendo que mais de 43% da amostra concluiu o ensino superior.

Quadro 1

Nível de Escolaridade dos Participantes - Frequências (f) e Percentagens (%)

	$\leq 3^{\circ}$ ciclo	Ensino Secundário	Ensino Superior
f	31	18	37
(%)	(36.1)	(20.9)	(43.10)

Nota. $N = 86$

A maioria dos participantes encontra-se empregada (94.2%), estando cinco participantes em situação de desemprego (5.8%). Relativamente às profissões dos pais empregados, foi utilizada a Classificação Portuguesa de Profissões (Instituto Nacional de Estatística, 2011). Tal como se pode observar no Quadro 2, o grupo profissional que apresenta uma maior frequência na presente amostra (34.9%) é o Grupo 2 (Especialistas das atividades intelectuais e científicas). Os restantes participantes distribuem-se pelas outras categorias desta classificação, excetuando-se o Grupo 6 (Agricultura e trabalhadores qualificados na agricultura, na pesca e na floresta) que não inclui nenhum participante.

Quadro 2

Grupo Profissional dos Participantes - Frequências (f) e Percentagens (%)

Grupo Profissional dos Participantes										
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
f	4	3	29	9	4	14	0	11	5	4
(%)	(4.8)	(3.6)	(34.9)	(10.8)	(4.8)	(16.9)		(13.3)	(6.0)	(4.8)

Nota. (N= 83); Categorias de 0 a 9 de acordo com a Classificação Portuguesa das Profissões (Instituto Nacional de Estatística, 2011): 0- Profissões das Forças Armadas; 1 – Representantes do Poder Legislativo e de Órgãos Executivos, Dirigentes, Diretores e Gestores Executivos; 2 - Especialistas das Atividades Intelectuais e Científicas; 3 - Técnicos e Profissões de Nível Intermédio; 4 - Pessoal Administrativo; 5 – Trabalhadores dos Serviços Pessoais, de Proteção e Segurança e Vendedores; 6 - Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura, da Pesca e da Floresta; 7 – Trabalhadores Qualificados da Indústria, Construção e Artífices; 8 - Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem; 9 - Trabalhadores não Qualificados.

No que diz respeito ao estado civil (Quadro 3), constata-se que a maioria dos participantes é constituída por homens casados ou a viver em união de facto (91.9%).

Quadro 3

Estado Civil dos Participantes – Frequências (f) e Percentagens (%)

Estado Civil dos Participantes				
	Casado/União de facto	Divorciado	Viúvo	Solteiro
F	79	3	1	3
(%)	(91.9)	(3.5)	(1.2)	(3.5)

Nota N = 86

O número de filhos dos participantes ($N = 84$) varia entre 1 e 3. A maioria dos pais tem dois filhos (64.3%), seguindo-se o grupo dos pais com apenas um filho (25%) e finalmente o grupo de pais com três filhos (10.7%). Já a idade dos filhos-alvo varia entre os 6 e os 10 anos ($M = 8.12$; $DP = 1.29$); 46.5% das crianças são do sexo feminino e 52.3% do sexo masculino.

3.1.2 Caracterização das Variáveis da Família de Origem e da Satisfação Conjugal

A informação relativa à relação dos participantes com a mãe, com o pai e com a companheira foi obtida através da entrevista de recolha de dados. Cada uma das questões tem uma escala de resposta de cinco pontos, conforme se indica a seguir.

3.1.2.1 Família de Origem

No que diz respeito às variáveis da família de origem, relativamente à relação com a mãe (Quadro 4), mais de metade dos participantes classificam-na como “muito boa” (59.3%). Nenhum dos participantes responde que a relação com a mãe foi sentida como “muito má” e apenas um participante a classifica como “má”.

Quadro 4

Classificação da Relação com a Mãe ao Longo da Vida – Frequências (f) e Percentagens (%)

Classificação da Relação com a Mãe					
	Muito Má	Má	Razoável	Boa	Muito Boa
F	-	1	12	22	51
(%)		(1.2)	(14)	(25.6)	(59.3)

Nota N = 86

Face à relação com o pai (Quadro 5), a maioria dos participantes considera que, ao longo da vida, ela foi “boa” ou “muito boa” (81.2%).

Quadro 5

Classificação da Relação com o Pai ao Longo da Vida – Frequências (f) e Percentagens (%)

Classificação da Relação com o Pai					
	Muito Má	Má	Razoável	Boa	Muito boa
F	1	5	10	34	35
(%)	(1.2)	(5.9)	(11.8)	(40)	(41.2)

Nota N = 85

3.1.2.2 Satisfação Conjugal

Quanto à satisfação com a relação com a companheira (Quadro 6), verifica-se que as respostas dos participantes se distribuem pelas diferentes categorias de resposta,

embora a grande maioria refira que está “muito satisfeito” ou “muitíssimo satisfeito” (84.8%).

Quadro 6

Satisfação com a Relação com a Companheira – Frequências (f) e Percentagens (%)

Satisfação com a Relação com a Companheira					
	Nada satisfeito	Pouco satisfeito	Razoavelmente satisfeito	Muito satisfeito	Muitíssimo satisfeito
F	1	2	9	32	35
(%)	(1.3)	(2.5)	(11.4)	(40.5)	(44.3)

Nota N = 79

3.2 Instrumentos

Foram utilizados, para além da entrevista de recolha de dados, a Escala de Envolvimento Paterno (EEP; Simões, Leal, & Maroco, 2010a, 2010b) e o Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI; Canavarro, 1999).

3.2.1 Entrevista de Recolha de Dados

Para o presente estudo foi utilizada informação que consta da Entrevista de recolha de dados, de Barrocas, Santos e Paixão, desenvolvida em 2012 no âmbito do Doutoramento em Psicologia Clínica (da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa) de J. Barrocas.

Pretendeu-se, através da entrevista, obter informação relativamente às características sociodemográficas do pai (idade, nível de escolaridade, situação laboral e profissão, estado civil e número de filhos) e da criança-alvo (idade e sexo), apresentadas no ponto 3.1.1. Para além desta informação, foram seleccionadas ainda as questões da entrevista relativas à satisfação conjugal e ao relacionamento com a família de origem, apresentadas no ponto 3.1.2. As questões referentes à relação com a família de origem, que pretendem avaliar como foi sentida ao longo da vida a relação dos participantes com a sua mãe e com o seu pai, utilizam uma escala de resposta de 5 pontos de tipo Likert (Muito Má, Má, Razoável, Boa, Muito Boa). Também a questão que se refere à satisfação conjugal utiliza uma escala deste tipo (Nada Satisfeito, Pouco Satisfeito, Razoavelmente Satisfeito, Muito Satisfeito, Muitíssimo Satisfeito). A cotação destas questões varia entre 1 e 5; quanto mais positivo for o sentido da resposta, maior o valor atribuído.

3.2.2 Escala de Envolvimento Paterno

A escala de envolvimento paterno, desenvolvida por Simões et al. (2010a; 2010b), pretende avaliar a frequência com que o pai está envolvido com o/a seu/sua filho/a, em várias situações do dia a dia, a nível dos cuidados e da educação das crianças. Para tal, o instrumento abrange diversas atividades dos pais, como os cuidados, a educação, a disponibilidade e a perceção de possíveis diferenças entre o pai e a mãe. A escala é composta por 20 itens. Em 19 dos itens, é utilizada uma escala de resposta de tipo Likert de 5 pontos (quanto maior for o envolvimento, maior é a pontuação atribuída). Nos itens 1 a 17, as hipóteses de resposta encontram-se entre “sempre” e “nunca” (“sempre”, “frequentemente”, “às vezes”, “raramente” e “nunca”). O item 18 é respondido desde “sempre a mãe”, até “sempre o pai” (“sempre o pai”, “mais o pai do que a mãe”, “tanto a mãe como o pai”, “mais a mãe do que o pai”, “sempre a mãe”) e o item 19 é respondido deste “muito envolvido” até “nada envolvido” (“muito envolvido”, “envolvido”, “neutro”, “pouco envolvido”, “nada envolvido”). Por fim, o vigésimo item é independente dos restantes e respondido em percentagem, pretendendo avaliar o tempo que a criança passa com diferentes cuidadores. É, para isso, pedido aos participantes que coloquem em percentagem o tempo que a criança-alvo passa ao cuidado de diferentes pessoas (o próprio, o cônjuge, outros familiares e educadores/professores). Dada a dificuldade dos participantes na resposta a este item, a sua análise foi excluída do estudo.

Os itens 1 a 19 distribuem-se por quatro dimensões: Cuidados, Disponibilidade, Presença e Disciplina. A soma do conjunto das quatro subescalas conduz a um resultado total do envolvimento paterno. O índice de consistência interna (alfa de Cronbach) da EEP global é de .85, sendo para a subescala Cuidados .75, para a subescala Disponibilidade .85 e para as subescalas Presença e Disciplina .64.

3.2.3 Inventário de Sintomas Psicopatológicos

Neste estudo, foi ainda utilizado o Inventário de Sintomas Psicopatológicos, adaptação portuguesa do Brief Symptom Inventory (Derogatis, 1982, citado por Canavarro, 1999) desenvolvida por Canavarro (1999), que pretende avaliar sintomas psicopatológicos. Através dos 53 itens que constituem a escala obtêm-se três índices globais, que correspondem a avaliações sumárias de perturbação emocional (Índice Geral de Sintomas, Índice de Sintomas Positivos, Total de Sintomas Positivos), e nove dimensões de psicopatologia (somatização, obsessões-compulsões, sensibilidade

interpessoal, depressão, ansiedade, hostilidade, ansiedade fóbica, ideação paranóide e psicotismo). Em cada item é utilizada uma escala de resposta de tipo Likert de 5 pontos (de “nunca” a “muitíssimas vezes”), cuja cotação varia entre 0 e 4. Os itens têm um formato afirmativo. O inventário demora cerca de 8 a 10 minutos a ser preenchido (Canavarro, 1999).

No presente estudo, foram utilizadas apenas as dimensões depressão e ansiedade, dado o interesse destas dimensões específicas para a relação com o envolvimento paterno, incluindo cada uma 6 itens. De acordo com os estudos psicométricos efetuados (Canavarro, 1999), o instrumento apresenta boas qualidades psicométricas, sendo o índice de consistência interna (alfa de Cronbach) de .77 para a dimensão ansiedade e de .73 para a dimensão depressão.

3.3 Procedimento

A amostra foi recolhida de acordo o procedimento “bola de neve”. O material entregue aos participantes incluía um documento de apresentação do estudo onde era explicitado o objetivo e o âmbito da investigação, bem como o anonimato das respostas e o carácter confidencial da informação. Os indivíduos que aceitaram participar receberam ainda um documento de consentimento informado (que deviam assinar), bem como a entrevista de recolha de dados e os instrumentos de avaliação. Foi também facultado um endereço eletrónico, no caso de necessidade de esclarecimento de dúvidas. Combinou-se previamente uma data para se proceder à recolha de todo o material (após o seu preenchimento).

3.4 Procedimentos Estatísticos

A análise dos dados foi realizada fazendo uso do programa IBM SPSS Statistics- versão 22 (*Statistical Package for the Social Sciences*).

Foi utilizada estatística descritiva, efetuando-se o cálculo de frequências e percentagens e a determinação de médias e desvio-padrão, tendo em conta as variáveis envolvidas (categóricas ou contínuas). Utilizou-se o teste t de Student a uma amostra (para comparar os resultados obtidos na EEP com um valor de referência, neste caso o resultado médio obtido nas diferentes dimensões do instrumento com a amostra subjacente ao seu estudo). Recorreu-se ainda a técnicas estatísticas que permitem a análise da relação linear entre variáveis, isto é, técnicas que indicam o grau de associação entre variáveis. Estas técnicas foram o Coeficiente de correlação de Pearson (para obter o valor da associação entre variáveis métricas), o Coeficiente de correlação

de Spearman (para obter o valor da associação entre variáveis métricas e variáveis ordinais) e o Coeficiente de correlação bisserial por pontos (para obter o valor da associação entre variáveis métricas e dicotômicas).

4. Resultados

Relativamente à apresentação dos resultados, caracteriza-se, em primeiro lugar, a variável envolvimento paterno (4.1). Em segundo lugar, figuram os resultados relativos à correlação do envolvimento paterno com variáveis do pai (4.2.) - psicológicas (ansiedade e depressão) (4.2.1.) e sociodemográficas (idade, nível de escolaridade e número de filhos) (4.2.2). Em terceiro lugar, procede-se à apresentação dos resultados para a correlação entre o envolvimento paterno e as variáveis sociodemográficas da criança (sexo e idade) (4.3). Em quarto lugar, indicam-se os resultados referentes à correlação do envolvimento paterno quer com as variáveis da família de origem (4.4), quer com a satisfação conjugal (4.5).

4.1 Caracterização do Envolvimento Paterno

Efetuuou-se a comparação dos resultados médios obtidos na amostra de estudo do instrumento EEP com os resultados médios obtidos no presente estudo (Quadro 7). Para esse efeito, utilizou-se o teste *t* de Student a uma amostra, tendo como valor de referência a média do estudo do instrumento para cada dimensão do envolvimento paterno.

Quadro 7

Envolvimento Paterno – Comparação com a Amostra do Estudo do EEP

	Média da amostra deste estudo	Média da Amostra do estudo do EEP	<i>t</i>	<i>p</i>
Cuidados	3.87	3.46	6.51	.001
Disponibilidade	4.35	4.30	.65	.518
Presença	2.76	2.75	.10	.923
Disciplina	3.01	3.05	-.74	.461

Nota. n Amostra deste Estudo = 89, n Amostra do Estudo do EEP = 145

Verifica-se que as médias nas quatro dimensões do envolvimento paterno são muito próximas das obtidas com a amostra do estudo do instrumento, ainda que ligeiramente superiores no presente estudo, excetuando-se a dimensão Disciplina. Contudo, ocorrem diferenças significativas na subescala Cuidados.

4.2 Correlação do Envolvimento Paterno com Variáveis do Pai

As variáveis do pai incluem variáveis psicológicas (ansiedade e depressão - sintomas) e variáveis sociodemográficas (idade, nível de escolaridade e número de filhos).

4.2.1 Correlação com Variáveis Psicológicas

Seguidamente são apresentadas as correlações entre o envolvimento paterno e as variáveis psicológicas do pai, a depressão e a ansiedade (Quadro 8).

Quadro 8

Correlação do Envolvimento Paterno com Variáveis Psicológicas do Pai (Depressão e Ansiedade)

	Depressão	Ansiedade
Cuidados	-.04	.03
Disponibilidade	.09	-.02
Presença	.02	.03
Disciplina	.15	.15

Não se verificam correlações estatisticamente significativas das dimensões do envolvimento paterno com os sintomas quer de depressão, quer de ansiedade.

4.2.2 Correlação com Variáveis Sociodemográficas

Apresentam-se a seguir as correlações entre o envolvimento paterno e as variáveis sociodemográficas do pai (Quadro 9). Estas são a idade, o nível de escolaridade e o número de filhos (1 versus 2/3).

Quadro 9

Correlação do Envolvimento Paterno com Variáveis Sociodemográficas do Pai (Idade, Nível de Escolaridade e Número de Filhos)

	Idade	Nível de Escolaridade	Número de Filhos
Cuidados	-.13	.15	-.07
Disponibilidade	-.18	-.05	-.09
Presença	.33*	-.02	-.02
Disciplina	-.21†	.16	.04

* $p < .05$ † - .059 (marginalmente significativo)

Obtém-se uma correlação significativa (positiva) da subescala Presença com a Idade do Pai. Acresce que a correlação desta última variável com a Disciplina é marginalmente significativa (correlação negativa). Não se verificam correlações estatisticamente significativas do envolvimento paterno com as variáveis nível de escolaridade e número de filhos.

4.3 Correlação do Envolvimento Paterno com Variáveis Sociodemográficas da Criança

No Quadro 10, apresentam-se os resultados relativos à correlação do envolvimento paterno com as variáveis sociodemográficas da criança que foram consideradas, o sexo e a idade.

Quadro 10

Correlação do Envolvimento Paterno com Variáveis Sociodemográficas da Criança (Sexo e Idade)

	Sexo	Idade
Cuidados	.20†	.05
Disponibilidade	-.33**	.09
Presença	.19	.06
Disciplina	.12	.05

**p<.01, † .07 (marginalmente significativo)

No Quadro 10, observa-se uma correlação estatisticamente significativa entre a Disponibilidade e o sexo da criança e uma correlação marginalmente significativa desta variável com os Cuidados. Não se obtêm correlações estatisticamente significativas entre o envolvimento paterno e a idade da criança.

4.4 Correlação do Envolvimento Paterno com Variáveis da Família de Origem

Do Quadro 11 constam os valores obtidos no estudo correlacional do envolvimento paterno com as variáveis associadas à família de origem (relação com a mãe e relação com o pai).

Quadro 11

Correlação do Envolvimento Paterno com Variáveis da Família de Origem (Relação com a Mãe /com o Pai)

	Relação com a Mãe	Relação com o Pai
Cuidados	.20†	.12
Disponibilidade	-.03	-.16
Presença	.24*	.12
Disciplina	-.10	-.14

*p<.05, †.06 (marginalmente significativo)

Os resultados mostram que há uma correlação significativa entre a Presença e a Relação com a Mãe e uma correlação marginalmente significativa entre esta variável e os Cuidados. A Relação com o Pai não se correlaciona significativamente com o envolvimento paterno.

4.5 Correlação do Envolvimento Paterno com a Satisfação Conjugal

Neste ponto, apresentam-se os resultados relativos à correlação do envolvimento paterno com a satisfação conjugal (Quadro 12).

Quadro 12

Correlação do Envolvimento Paterno com a Satisfação Conjugal

	Satisfação Conjugal
Cuidados	.33**
Disponibilidade	.11
Presença	.00
Disciplina	.30*

*p<.05, **p<.01

Verifica-se que há uma correlação estatisticamente significativa da Satisfação Conjugal com a dimensão Cuidados, bem como, embora de menor magnitude, com a dimensão Disciplina.

5. Discussão

Neste ponto, procede-se à discussão dos resultados obtidos neste estudo, apresentados no ponto anterior, tendo em linha de conta os objetivos e hipóteses mencionados previamente.

Os resultados conducentes à caracterização da amostra (Objetivo 1) indicam que ela não se diferencia significativamente da amostra do estudo do instrumento utilizado, Escala de Envolvimento Paterno (EEP, Simões et al., 2010a, 2010b), nas dimensões Disponibilidade, Presença e Disciplina. Distingue-se, no entanto, na dimensão Cuidados, estando os pais do presente estudo mais frequentemente envolvidos com a criança ao nível dos cuidados.

Dadas as semelhanças entre as características sociodemográficas da amostra do estudo do instrumento e a do presente estudo, a diferença encontrada poderá resultar de características dos participantes não avaliadas/controladas ou mesmo de procedimentos distintos na seleção das amostras. Acresce que, nos últimos anos, poderá ter havido uma evolução no sentido de um maior envolvimento paterno na área dos cuidados à criança, já que a distribuição de tarefas entre o pai e a mãe tem vindo a tornar-se cada vez mais igualitária, incluindo em Portugal (Cabrera et al., 2000; Lima et al., 2009).

No que se refere à relação entre o envolvimento paterno e as variáveis do pai, e começando pela relação com as variáveis psicológicas (Objetivo 2a), sobressai que, não obstante a investigação apontar no sentido de haver uma associação entre o envolvimento paterno e a depressão (Cabrera et al., 2011; Kotila & Dush, 2013) e entre características da paternidade e a ansiedade (Hughes et al., 2008), tal não se verificou no presente estudo. De notar que os resultados obtidos são em parte consonantes com os do estudo de Cabrera et al. (2011), onde a relação entre o envolvimento paterno e a depressão foi encontrada apenas no grupo de pais que faziam parte de minorias, não sendo extensível à restante amostra. Para além disso, esta associação era de baixa magnitude e só se verificou ao nível dos cuidados e da brincadeira.

Os resultados obtidos poderão dever-se às características do instrumento utilizado, que avalia *sintomas* de ansiedade e de depressão, e tal é feito de forma limitada já que estão em causa subescalas específicas do BSI (com seis itens cada), o qual avalia também outra sintomatologia psicopatológica, não se tratando, portanto, de uma avaliação específica e aprofundada. Acresce que o estudo foi realizado com uma amostra não clínica (da população geral), sendo expectável que seja baixo o nível de

sintomas de depressão e ansiedade. Seria interessante estender o estudo a amostras clínicas para avaliar se a tendência dos resultados seria idêntica.

Nesta sequência, a Hipótese 1, que previa a existência de uma relação entre o envolvimento paterno e os sintomas de depressão e de ansiedade, não se confirmou.

Passando agora à relação com as variáveis sociodemográficas do pai (Objetivo 2b), apenas ocorreu uma relação significativa com a idade, de tal forma que os pais mais velhos estão mais presentes na vida do dia a dia da criança, existindo ainda uma tendência para os mais novos estarem mais envolvidos na disciplina. A literatura neste domínio não é consensual, coexistindo, designadamente no contexto português, estudos que indicam que o pai mais velho está mais envolvido na vida da criança (e.g., Lima citado por Monteiro et al., 2010; Monteiro et al., 2015) e estudos que defendem que é o mais novo quem está mais envolvido (e.g., Balancho, 2004; Monteiro et al., 2010). Os resultados obtidos no presente estudo indiciam que a idade do pai poderá relacionar-se de forma diversa com o envolvimento paterno consoante a dimensão do envolvimento que esteja em causa.

Os resultados que indicam os pais mais velhos como estando mais presentes na vida da criança vão na linha dos de autores que apontam os homens mais novos como tendo mais dificuldades a nível financeiro e menos oportunidades de emprego (Arendell, 1996; Gavin et al., 2002), sendo também menos maduros, o que contribuiria para estarem menos disponíveis para o papel parental (Monteiro et al., 2015; Palkovitz, 2002), e menos presentes na vida da criança, comparativamente com os homens mais velhos. Por sua vez, o resultado que aponta os pais mais novos como tendo um maior envolvimento ao nível da disciplina não é consentâneo com a perspetiva de que os homens mais velhos assumem um papel mais tradicional (Balancho, 2004), que remete para a autoridade e disciplina, mas é concordante com o estudo de Monteiro et al. (2010), com uma amostra portuguesa, cujos resultados vão no mesmo sentido, i.e., mostram que os pais mais novos estão mais envolvidos ao nível da disciplina.

Contrariamente à maioria dos estudos, em que ocorre uma associação positiva entre o nível de escolaridade e o envolvimento paterno (ver Cabrera et al., 2007; Flouri & Buchanan, 2003; Monteiro, 2007; Monteiro et al., 2008; Pimenta et al., 2010; Shannon et al., 2006; Torres, 2004; Torres et al., 2014; Yeung et al., 2001), no presente estudo não se verificou este tipo de associação. Tal é, no entanto, concordante com alguma literatura, designadamente com os estudos portugueses de Simões et al. (2010b) com crianças em idade escolar e de Monteiro et al. (2015). A divergência de resultados

poderá refletir, pelo menos em parte, diferenças culturais decorrentes do contexto português.

No presente estudo, também não foi encontrada uma relação entre a variável número de filhos e o envolvimento paterno, contrariamente ao que é descrito em diversos estudos (e.g., Flouri & Buchanan, 2003; Van Dijk & Siegers, 1996; Wood & Repetti, 2004). Refira-se, no entanto, que no estudo de Monteiro et al. (2010) se obtêm resultados similares, não se verificando uma relação entre o envolvimento paterno e o número de irmãos da criança.

Nesta sequência, confirma-se a Hipótese 2, em que se estimava a existência de uma associação entre o envolvimento paterno e pelo menos uma das variáveis sociodemográficas do pai.

No que se refere à relação do envolvimento paterno com as variáveis sociodemográficas da criança (Objetivo 3), idade e sexo, salienta-se que apenas se obtiveram resultados significativos para o sexo. Os resultados indicam que os pais estão mais envolvidos em termos de disponibilidade com as raparigas, observando-se ainda uma tendência para que estejam mais envolvidos ao nível dos cuidados com os rapazes.

Esta última tendência apoia o dado de que os homens têm um maior envolvimento quando o filho é do sexo masculino (e.g., Arendel, 1996; Monteiro, 2010; NICHD, 2000; Wood & Repetti, 2004; Yeung et al., 2001), nomeadamente ao nível dos cuidados (Monteiro et al., 2010; NICHD, 2000). Acresce que os pais parecem estar mais em contacto direto com as crianças do sexo masculino, em particular em tarefas tradicionalmente masculinas (Wood & Repetti, 2004).

O resultado relativo à Disponibilidade contraria, assim, os resultados mais frequentemente apresentados na literatura. Contudo, no estudo de Lima et al., (2011), verificou-se que as raparigas percecionam o pai como estando mais envolvido com elas do que com os filhos rapazes ao nível dos cuidados e dos interesses, o que poderá articular-se com os resultados obtidos, não obstante o informante ser distinto em ambos os estudos.

A ausência de uma associação significativa entre a idade e o envolvimento paterno é consonante com o estudo português de Monteiro et al. (2010). Contudo, a literatura neste âmbito demonstra, pelo contrário, que a idade da criança se relaciona com o envolvimento paterno, embora haja divergências quanto à tendência desta relação. Com efeito, enquanto alguns autores consideram que os homens estão mais envolvidos quando os filhos são mais novos, outros referem o oposto (ver Lima &

Rodrigues, 2013; Wood & Repetti, 2004; Yeung et al., 2001). É possível que variáveis da criança e da figura parental contribuam para esta diversidade de resultados, para além de características metodológicas dos próprios estudos. É, pois, necessário considerar a parentalidade na sua complexidade, enquanto processo dinâmico que se articula com as características da criança em diferentes etapas da sua vida.

Os resultados obtidos confirmam a Hipótese 3, na qual se previa uma relação entre envolvimento paterno e pelo menos uma das variáveis sociodemográficas da criança consideradas.

Relativamente à relação do envolvimento paterno com as variáveis da família de origem (Objetivo 4), não se encontrou uma associação com a relação com o pai, mas a variável relação com a mãe conduziu a resultados significativos, indicando que a melhor relação com a mãe ao longo da vida se associa com o facto de os pais estarem mais presentes na vida do dia a dia dos filhos, existindo ainda uma tendência para estarem também mais envolvidos nos cuidados e educação da criança. Estes resultados vão na linha da literatura que identifica uma associação entre as experiências do indivíduo com a família de origem e a forma como vivência a parentalidade, e apontam para uma continuidade intergeracional nas relações (Belsky e Isabella, 1985; Lacan (1981), pelo menos no que diz respeito à mãe.

A investigação no âmbito da parentalidade tem vindo a destacar o papel da mãe no desenvolvimento da criança, em detrimento do papel do pai, sendo ela apontada como a cuidadora principal (Lamb, 2010; McBride et al., 2005). Também a perspetiva psicanalítica realça o papel da primeira relação de objeto com a mãe, que permite à criança a formação do *Eu* (e.g., Golse, 2001; Malpique, 1990; Winnicott, 1964/1966). Para além disto, é também a mãe quem facilita a maior ou menor aproximação do pai à criança, funcionando como reguladora desta relação (Lima et al., 2011). A mãe surge, portanto, não só como a principal cuidadora, mas também como tendo um papel de relevo na relação pai-criança.

Embora a participação do pai e da mãe seja cada vez mais igualitária (ver Cabrera et al., 2000), assumindo o pai também os cuidados da criança em atividades tipicamente associadas à mãe, os estudos no âmbito do envolvimento paterno demonstram que é a mãe quem continua a desempenhar mais frequentemente funções parentais (e.g., Belsky et al., 1984; Davis & Perkins, 1996; Feldman, 2000; Fletcher & Silberberg, 2006; Lamb, 1992; Lima et al., 2011; Parke, 2002; Torres, 2004; Yeung et al., 2001).

Como se referiu, no presente estudo o envolvimento paterno não se associou com a relação com o pai. Este resultado não é concordante com o do estudo de Lima et al., (2009), no qual os homens com uma melhor perceção relativamente aos seus pais interagiam mais com os seus filhos posteriormente, em particular ao nível do apoio emocional, estimulação e partilha de tarefas com a mãe.

O resultado obtido na presente investigação segundo o qual apenas a relação com a mãe tem impacto no envolvimento paterno poderá relacionar-se também com o facto de a nova conceptualização acerca da paternidade ter surgido apenas nas últimas décadas (e.g., Cabrera et al., 2000; Daly, 1993; Lamb, 1992; Lamb & Le-Monda, 2000; Lamb & Lewis, 2003; Marks & Palkovitz, 2004; McBride et al., 2005; Monteiro et. al., 2008; Parke, 2002; Shannon et al., 2006). Os pais têm vindo a adotar, progressivamente, estratégias a nível da parentalidade que são mais flexíveis e inovadoras (Balanchó, 2004), exercendo o pai modernas tarefas tradicionalmente associadas quer ao género feminino quer ao género masculino, contrariando a expectativa, mais clássica, de que o seu papel se liga meramente ao sustento económico, à autoridade e à disciplina, ou mesmo ao jogo (Lima et al., 2011). Coloca-se a hipótese de que, progressivamente, e à medida que o papel do pai se vai modificando, a relação do homem com o pai também se reflita na forma como o indivíduo experiencia a parentalidade.

Por fim, refira-se que os resultados obtidos face à relação com a mãe poderão enquadrar-se numa perspetiva de modelagem, segundo a qual uma relação percebida como melhor no âmbito da família da origem favorece comportamentos e atitudes mais ajustados no exercício da parentalidade (Beaton & Doherty, 2007; Floyd & Morman, 2000). Já a perspetiva de compensação, de acordo com a qual os pais com uma relação negativa com a família de origem teriam comportamentos mais positivos com os filhos (e.g., Floyd & Morman, 2000), não foi apoiada pelos resultados obtidos.

Deste modo, confirma-se a Hipótese 4, que previa uma associação do envolvimento paterno com as variáveis da família de origem (relação com a mãe e/ou relação com o pai).

Os resultados deste estudo indicam também que existe uma relação entre o envolvimento paterno e a satisfação conjugal (Objetivo 5), o que é concordante com grande parte da literatura empírica (ver Feldman, 2000; Fishman, & Meyers, 2000; Shannon et al., 2006; Simões et al., 2010a). Quando a relação conjugal é reportada pelos pais como sendo melhor, tal reflete-se numa maior proximidade (Simões et al., 2010a) e numa maior disponibilidade emocional para com a criança (Nelson et al., 2009). A

paternidade surge, assim, na literatura como sendo muito sensível à qualidade da satisfação marital (e.g., Bradford et al., 2006; Finchman, 2008). Destaca-se ainda que a relação entre a satisfação conjugal e a parentalidade assume uma maior relevância para o pai, uma vez que, segundo alguns autores, a qualidade da relação conjugal reflete-se mais ao nível da paternidade do que da maternidade (e.g., Belsky et al., 1991; Nelson et al., 2009).

De forma mais específica, no presente estudo verificou-se que quanto maior a satisfação conjugal maior o envolvimento nos cuidados da criança e na disciplina (sendo esta associação de menor magnitude). No que se refere ao primeiro resultado, ele é consistente com a literatura (ver Bonney, Kelley, Levant, 1999; Fagan & Palkovitz, 2007; NICHD, 2000; Simões et al., 2010a). Face ao resultado que remete para a disciplina, refira-se que a satisfação conjugal modera a transmissão intergeracional das práticas disciplinares punitivas, especificamente em termos do castigo físico (Lunkenheimer, 2006). A disciplina severa e a falta de aceitação dos pais em relação à criança têm vindo a relacionar-se com um nível superior de conflito conjugal (Krishnakumar & Buehler, 2000), ao passo que quando o pai reporta uma maior satisfação com a companheira, o seu comportamento é mais positivo e é mais participativo na vida familiar (Simões et al., 2010a), o que se reflete também na disciplina.

Nesta sequência, a Hipótese 5, que previa o tipo de relação encontrada, foi confirmada.

6. Conclusão

Neste ponto, são apresentadas as principais conclusões do estudo realizado, referidas as suas limitações e sugeridas pistas para investigações futuras.

O foco deste estudo incidiu sobre o envolvimento paterno, numa amostra de pais (homens) com filhos em idade escolar, analisando-se a sua relação com variáveis do pai (psicológicas e sociodemográficas) da criança (sociodemográficas) da família de origem (relação com mãe/pai) e da relação conjugal (satisfação). A análise das características do envolvimento paterno dos participantes do estudo (Objetivo 1) mostrou que eles não diferem dos participantes do estudo da amostra do instrumento utilizado para avaliar esta dimensão (EEP; Simões et al., 2010a, 2010b), exceto na dimensão Cuidados, sugerindo que, na presente amostra, há um maior envolvimento por parte dos pais ao nível dos cuidados e educação dos filhos. Contrariamente ao que seria expectável, tendo em conta a revisão de literatura apresentada, as variáveis psicológicas do pai, que dizem respeito a sintomas de Depressão e de Ansiedade, não se relacionaram com o envolvimento paterno (a análise da relação desta sintomatologia com o envolvimento paterno estava subjacente ao Objectivo2a).

O envolvimento paterno mostrou relacionar-se com variáveis sociodemográficas do pai (Objetivo 2b), designadamente com a sua idade. Especificamente, os pais mais velhos referiram estar mais presentes na vida do dia da criança (subescala Presença). Houve também uma tendência para os pais mais novos estarem mais envolvidos ao nível da disciplina. Não foi encontrada, contudo, nenhuma relação significativa entre o envolvimento paterno e o nível de escolaridade ou o número de filhos do pai. O envolvimento paterno relacionou-se ainda com uma das variáveis sociodemográficas da criança consideradas (Objetivo 3), especificamente com o sexo desta, destacando-se que os pais mostram maior disponibilidade para com as filhas (subescala Disponibilidade), e observando-se também uma tendência para que haja um maior envolvimento ao nível dos cuidados com os filhos rapazes. A literatura que foca a relação do envolvimento paterno com variáveis sociodemográficas tem conduzido a resultados díspares, sendo os agora obtidos consentâneos com os encontrados por alguns autores. Os resultados alcançados alertam para que as variáveis sociodemográficas (pelo menos algumas delas) poderão relacionar-se de forma diversa com o envolvimento paterno consoante a dimensão deste que esteja em causa. Tal poderia justificar, pelo menos em parte, a divergência de resultados que emerge da literatura, já que uns estudos avaliam apenas

uma dimensão global do envolvimento, enquanto outros avaliam de forma discriminada várias subdimensões.

Na linha do previsto, dada a relevância das experiências na família de origem para a forma como o homem exerce a parentalidade, o envolvimento paterno relacionou-se com uma variável da família de origem (Objetivo 4). Em particular, a qualidade da relação com a mãe ao longo da vida associou-se com a maior presença do pai no dia a dia da vida da criança, havendo ainda uma tendência para esta relação se associar com o maior envolvimento nos cuidados da criança. Também a qualidade da relação do casal se associou com o envolvimento do pai (Objetivo 5), constatando-se que a satisfação conjugal se relaciona com o envolvimento quer ao nível da dimensão Cuidados, quer ao nível da dimensão Disciplina. De notar que o envolvimento paterno se associou com a qualidade da relação com a mãe, mas não com a qualidade da relação com o pai ao longo da vida, reforçando a importância daquela relação, realçada repetidamente na literatura, em particular por autores de orientação dinâmica.

Das cinco hipóteses definidas para o estudo, apenas uma não foi confirmada, a hipótese que previa ocorrer uma associação entre o envolvimento paterno e as variáveis psicológicas do pai, Depressão e Ansiedade (Hipótese 2).

Este resultado poderá dever-se a uma das limitações do estudo. Com efeito, as variáveis psicológicas foram avaliadas através das subescalas Depressão e Ansiedade do instrumento BSI, tendo sido pertinente a inclusão de instrumentos que avaliassem a Depressão e a Ansiedade de forma específica e extensiva. Outra limitação do estudo prende-se com o facto de o preenchimento dos instrumentos ter sido feito de forma não presencial, o que limita, por exemplo, a possibilidade de os participantes irem colocando as suas dúvidas à medida que os preenchem, ainda que tenha sido facultado um contacto a que podiam recorrer para qualquer esclarecimento. Numa outra linha, constitui uma limitação o facto de se ter recorrido apenas a instrumentos de autorrelato. Seria importante, por exemplo, a inclusão de instrumentos de heteroavaliação, considerando-se também a perspetiva da criança e da mãe. De referir que a informação relativa às variáveis da família de origem e da satisfação conjugal foi obtida apenas a partir de questões da Entrevista de Recolha de Dados, não se tendo utilizado instrumentos específicos para avaliar estas variáveis, o que constitui também uma das limitações do estudo.

Embora estas limitações estejam presentes, o estudo é relevante na medida em que permite aumentar o conhecimento na área do envolvimento paterno, reforçando a

sua característica multifatorial. Com efeito, verificou-se que o envolvimento paterno se relaciona com diferentes variáveis - do pai, da criança, da família de origem e da relação conjugal, o que sublinha a complexidade do conceito e acentua a necessidade de se desenvolver mais estudos que o explorem.

No futuro, será importante dar continuidade à investigação neste âmbito, procurando-se colmatar as limitações do presente estudo acima referidas, designadamente de natureza metodológica. Salienta-se ainda a necessidade de compreender o envolvimento paterno em diferentes fases da vida do sujeito, designadamente na adolescência e na idade adulta.

Uma vez que este estudo aponta diversas variáveis que têm impacto no envolvimento paterno, seria importante que os resultados fossem tidos em conta para o planeamento de estratégias de prevenção que permitam promover o exercício da parentalidade de forma saudável. A tomada de consciência por parte dos pais e a sua sensibilização para o envolvimento paterno e para as variáveis influentes neste envolvimento e no exercício da parentalidade poderão contribuir para reforçar o reconhecimento da importância da paternidade, e para facilitar a relação pai-criança e promover a sua qualidade.

7. Referências

- Abidin, R. R. (1992). The determinants of parenting behavior. *Journal of clinical child psychology*, 21(4), 407-412.
- Adamsons, K., O'Brien, M., & Pasley, K. (2007). An ecological approach to father involvement in biological and stepfather families. *Fathering: A Journal of Theory, Research, and Practice about Men as Fathers*, 5(2), 129-147. doi: 10.3149/fth.0502.129
- Allen, S. M., & Hawkins, A. J. (1999). Maternal gatekeeping: Mothers' beliefs and behaviors that inhibit greater father involvement in family work. *Journal of Marriage and the Family*, 199-212. doi:10.2307/353894
- Aluja, A., del Barrio Gándara, V., & Rodríguez, L. F. G. (2007). Personality, social values, and marital satisfaction as predictors of parents' rearing styles. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 7(3), 725-737.
- Amato, P. R., Johnson, D. R., Booth, A., & Rogers, S. J. (2003). Continuity and change in marital quality between 1980 and 2000. *Journal of Marriage and Family*, 65(1), 1-22. doi:10.1111/j.1741-3737.2003.00001.x
- Arendell, T. (1996). Co-parenting: Review of the literature. *National Center on Fathers and Families*, 1-57.
- Balancho, L. S. F. (2004). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, 22(2), 377-386.
- Barnett, R. C., Marshall, N. L., & Pleck, J. H. (1992). Men's multiple roles and their relationship to men's psychological distress. *Journal of Marriage and the Family*, 54(2), 358-367. doi:10.2307/353067
- Beaton, J. M., & Doherty, W. J. (2007). Fathers' family of origin relationships and attitudes about father involvement from pregnancy through first year postpartum. *Fathering: A Journal of Theory, Research, and Practice about Men as Fathers*, 5(3), 236-245. doi: 10.3149/fth.0503.236

- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55(1), 83-96. doi:10.1111/1467-8624.ep7405453
- Belsky, J. (1990a). Children and marriage. In F. D. Fincham & T. N. Bradbury (Eds.), *The Psychology of Marriage* (pp. 172-200). New York: The Guilford Press.
- Belsky, J. (1990b). Parental and nonparental child care and children's socioemotional development: A decade in review. *Journal of Marriage and the Family*, 52(4), 885-903.
- Belsky, J., & Barends, N. (2002). Personality and parenting. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Vol. 3. Being and becoming a parent* (2nd ed., pp. 415-438). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Belsky, J., Gilstrap, B., & Rovine, M. (1984). The Pennsylvania infant and family development project, I: Stability and change in mother-infant and father-infant interaction in a family setting at one, three, and nine months. *Child Development*, 55(3), 692-705. doi:10.1111/1467-8624.ep12422844
- Belsky, J., & Isabella, R. A. (1985). Marital and parent-child relationships in family of origin and marital change following the birth of a baby: A retrospective analysis. *Child Development*, 56(2), 342. doi:10.1111/1467-8624.ep7251612
- Belsky, J., Youngblade, L., Rovine, M., & Volling, B. (1991). Patterns of marital change and parent-child interaction. *Journal of Marriage and the Family*, 53(2), 487-498. doi:10.2307/352914
- Bjorklund, D. F., Younger, J. L., & Pellegrini, A. D. (2002). The evolution of parenting and evolutionary approaches to childrearing. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Vol. 2: Biology and ecology of parenting* (2nd ed., pp. 3-30). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bonney, J. F., Kelley, M. L., & Levant, R. F. (1999). A model of fathers' behavioral involvement in child care in dual-earner families. *Journal of Family Psychology*, 13(3), 401.

- Bornstein, M. H. (2001). Parenting: Science and practice. *Parenting, 1*(1-2), 1-4.
- Bowlby, J. (1971). *Attachment and loss: Attachment* (Vol I). Bucks: Pelican Books.
- Bradbury, T. N., & Karney, B. R. (2004). Understanding and altering the longitudinal course of marriage. *Journal of Marriage and Family, 66*(4), 862-879.
- Bradford, K., & Hawkins, A. J. (2006). Learning competent fathering: A longitudinal analysis of marital intimacy and fathering. *Fathering: A Journal of Theory, Research, & Practice About Men As Fathers, 4*(3), 215-234.
- Bronte-Tinkew, J., Moore, K. A., Matthews, G., & Carrano, J. (2007). Symptoms of major depression in a sample of fathers of infants sociodemographic correlates and links to father involvement. *Journal of Family Issues, 28*(1), 61-99.
- Cabrera, N., Fitzgerald, H. E., Bradley, R. H., & Roggman, L. (2007). Modeling the dynamics of paternal influences on children over the life course. *Applied Development Science, 11*(4), 185-189. doi: 10.1080/10888690701762027
- Cabrera, N. J., Hofferth, S. L., & Chae, S. (2011). Patterns and predictors of father–infant engagement across race/ethnic groups. *Early Childhood Research Quarterly, 26*(3), 365-375. doi:10.1016/j.ecresq.2011.01.001
- Cabrera, N. J., Shannon, J. D., & Tamis-LeMonda, C. (2007). Fathers' influence on their children's cognitive and emotional development: From toddlers to Pre-K. *Applied Development Science, 11*(4), 208-213.
- Cabrera, N., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development, 71*(1), 127-136.
- Canavarro, M. C. (1999). Inventário de sintomas psicopatológicos (BSI): Uma revisão crítica dos estudos realizados em Portugal. In M. R. Simões, C. Machado, M. M. Gonçalves, & L. S. Almeida (Eds.), *Avaliação Psicológica*, (Vol. 3, pp. 305- 320). Coimbra: Quarteto.

- Coimbra de Matos, A. (1993). Em redor da latência sexual. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 5, 7-12.
- Coimbra de Matos, A. (2001). Textos sobre o narcisismo, depressão e masoquismo. In Coimbra de Matos (Ed.), *A Depressão: Episódios de um percurso em busca do seu sentido* (pp. 239-257). Lisboa: Climepsi.
- Collins, W. A., Madsen, S. D., & Susman-Stillman, A. (2002). Parenting during middle childhood. In A. C. Collins, S. D. Madsen, A. Susman-Stillman (Eds.), *Handbook of parenting: Vol. 1: Children and parenting* (2nd ed., pp. 73–101). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Cox, M. J., Owen, M. T., Lewis, J. M., & Henderson, V. K. (1989). Marriage, adult adjustment, and early parenting. *Child Development*, 60(5), 1015-1024. doi: 10.1111/1467-8624.ep9676031
- Daly, K. (1993). Reshaping fatherhood: Finding the models. *Journal of Family Issues*, 14(4), 510-530.
- Davis, J. E., & Perkins, W. E. (1996). Fathers' care: A review of the literature. *National Center on Fathers and Families*. Retirado de <http://eric.ed.gov/?id=ED454973>
- Dollahite, D. C., Hawkins, A. J., & Brotherson, S. E. (1997). Fatherwork: A conceptual ethic of fathering as generative work. *Generative Fathering: Beyond Deficit Perspectives*, 3, 17-35.
- Early Child Care Research Network (2000). Factors associated with fathers' caregiving activities and sensitivity with young children. *Journal of Family Psychology*, 14(2), 200-219. doi: 10.1037//0893-3200.14.2.200
- Eggebeen, D. J., & Knoester, C. (2001). Does fatherhood matter for men?. *Journal of Marriage and Family*, 63(2), 381-393.
- Fagan, J., & Palkovitz, R. (2007). Unmarried, nonresident fathers' involvement with their infants: A risk and resilience perspective. *Journal of Family Psychology*, 21(3), 479-489. doi: 10.1037/0893-3200.21.3.479

- Feldman, R. (2000). Parents' convergence on sharing and marital satisfaction, father involvement, and parent-child relationship at the transition to parenthood. *Infant Mental Health Journal*, 21(3), 176-191.
- Ferreira, T. (1990). A neurose da criança: Uma história de histeria infantil. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 1, 73-86.
- Fincham, F. D. (1998). Child development and marital relations. *Child Development*, 69(2), 543-574. doi:10.2307/1132183
- Finley, G. E., Mira, S. D., & Schwartz, S. J. (2008). Perceived paternal and maternal involvement: Factor structures, mean differences, and parental roles. *Fathering: A Journal of Theory, Research, and Practice about Men as Fathers*, 6(1), 62-82. doi: 10.3149/fth.0601.62
- Fishman, E. A., & Meyers, S. A. (2000). Marital satisfaction and child adjustment: Direct and mediated pathways. *Contemporary Family Therapy: An International Journal*, 22(4), 437. doi: 10.1023/A:1007848901640.
- Fletcher, R., & Silberberg, S. (2006). Involvement of fathers in primary school activities. *Australian Journal of Education*, 50(1), 29-39. doi:10.1177/000494410605000103
- Flouri, E., & Buchanan, A. (2003). What predicts fathers' involvement with their children? A prospective study of intact families. *British Journal of Developmental Psychology*, 21(1), 81-97.
- Floyd, K., & Morman, M. T. (2000). Affection received from fathers as a predictor of men's affection with their own sons: Tests of the modeling and compensation hypotheses. *Communications Monographs*, 67(4), 347-361. doi: 10.1080=03637750802512371
- Freeman, T. (2008). Psychoanalytic concepts of fatherhood: Patriarchal paradoxes and the presence of an absent authority. *Studies In Gender & Sexuality*, 9(2), 113-139. doi:10.1080/15240650801935156

- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (Ed.), (10-112). São Paulo: Editora Schwarcz. Publicação original 1914.
- Ganiban, J. M., Ulbricht, J. A., Spotts, E. L., Lichtenstein, P., Reiss, D., Hansson, K., & Neiderhiser, J. M. (2009). Understanding the role of personality in explaining associations between marital quality and parenting. *Journal Of Family Psychology*, 23(5), 646-660. doi:10.1037/a0016091
- Gavin, L. E., Black, M. M., Minor, S., Abel, Y., Papas, M. A., & Bentley, M. E. (2002). Young, disadvantaged fathers' involvement with their infants: An ecological perspective. *Journal of Adolescent Health*, 31(3), 266-276.
- Goeke-Morey, M. C., & Cummings, E. M. (2007). Impact of father involvement: A closer look at indirect effects models involving marriage and child adjustment. *Applied Developmental Science*, 11(4), 221-225. doi:10.1080/10888690701762126
- Golse, B. (2001). Abordagem conceptual. In B. Golse, *O desenvolvimento afetivo e intelectual da criança* (pp. 221-231). Lisboa: Climepsi Editores.
- Gomes, A. J., & Resende, V. D. (2004). O pai presente: O desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 119-125.
- Goodman, J. H. (2004). Paternal postpartum depression, its relationship to maternal postpartum depression, and implications for family health. *Journal of Advanced Nursing*, 45(1), 26-35. doi:10.1046/j.1365-2648.2003.02857.x
- Heinicke, C. M. (2002). The transition to parenting. In M. H. Bornstein (Eds), *Handbook of parenting. Vol. 3 Being and becoming a parent* (pp. 363-388). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Hendrick, S. S., & Hendrick, C. (1997). Love and satisfaction. In R. J. Sternberg & M. Hojjat (Eds.), *Satisfaction in close relationships* (pp. 56-78). New York: The Guilford Press.

- Hoghugh, M. S. (2004). Parenting: An introduction. In M. S. Hoghugh & N. Long (Eds.), *Handbook of parenting: theory and research for practice* (pp. 1-19). London: Sage Publications.
- Hughes, A. A., Hedtke, K. A., & Kendall, P. C. (2008). Family functioning in families of children with anxiety disorders. *Journal of Family Psychology*, 22(2), 325-328. doi:10.1037/0893-3200.22.2.325
- Huston, T. L., & Vangelisti, A. L. (1991). Socioemotional behavior and satisfaction in marital relationships: A longitudinal study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(5), 721-733. doi:10.1037/0022-3514.61.5.721
- Instituto Nacional de Estatística (2011). *Classificação Portuguesa das Profissões 2010 (versão 2011)*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Isacco, A., Garfield, C. F., & Rogers, T. E. (2010). Correlates of coparental support among married and nonmarried fathers. *Psychology of Men & Masculinity*, 11(4), 262. doi:10.1037/a0020686
- Jacob, T., & Johnson, S. L. (1997). Parent-child interaction among depressed fathers and mothers: Impact on child functioning. *Journal of Family Psychology*, 11(4), 391-409. doi:10.1037/0893-3200.11.4.391
- Jacobs, J. N., & Kelley, M. L. (2006). Predictors of paternal involvement in childcare in dual-earner families with young children. *Fathering: A Journal of Theory, Research, & Practice About Men As Fathers*, 4(1), 23-47.
- Kane, P., & Garber, J. (2004). The relations among depression in fathers, children's psychopathology, and father-child conflict: A meta-analysis. *Clinical Psychology Review*, 24(3), 339-360. doi:10.1016/j.cpr.2004.03.004
- Klein (1959). Les premiers stades du conflit oedipien et la formation du surmoi. In M. Klein, *La psychanalyse des enfants* (pp. 137-162). Paris: Presses Universitaires de France.

- Kotila, L. E., & Dush, C. M. K. (2013). Involvement with children and low-income fathers' psychological well-being. *Fathering: A Journal of Theory, Research, and Practice about Men as Fathers*, 11(3), 306-326. doi: 10.3149/fth.1103.306
- Krishnakumar, A., & Buehler, C. (2000). Interparental conflict and parenting behaviors: A meta-analytic review. *Family Relations*, 49(1), 25-44. doi:10.1111/j.1741-3729.2000.00025.x
- Lacan, J. (1978/1981). *A família*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Lamb, M. E. (1992). O papel do pai em mudança. *Análise Psicológica*, X(1), 19-34.
- Lamb, M. E. (2000). The history of research on father involvement: An overview. *Marriage & Family Review*, 29(2-3), 23-42. doi: 10.1300/J002v29n02_03.
- Lamb, M. E. (2002). Infant-father attachments and their impact on child development. In C. S. Tamis-LeMonda & N. Cabrera, *Handbook of father involvement: Multidisciplinary perspectives* (pp. 93-117). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Lamb, M. E., & Lewis, C. (2010). The development and significance of father-child relationships in two-parent families. In M. E. Lamb, *The role of the father in child development* (Ed.), (pp. 272-306). John Wiley & Sons.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1987). A biosocial perspective on paternal behavior and involvement. In J. B. Lancaster, J. Altmann, A. S. Rossi, & L. R. Sherrod (Eds.), *Parenting across the life span: Biosocial dimensions* (pp. 111-142). New York: Aldine de Gruyter.
- Lamb, M., & Tamis-Lemonda, C. (2004). The role of the father in child development. In M. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 1-31). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.
- Lima, J. A., & Rodrigues, B. J. (2012). O envolvimento do pai num território educativo de intervenção prioritária. *Revista Amazônica* 3(1), 115-146.
- Lima, J. A., Serôdio, R. G., & Cruz, O. (2008). Filho és, pai serás... a perceção retrospectiva dos homens acerca das formas de envolvimento do seu próprio pai

- e suas consequências desenvolvimentais. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1(4), 101-112.
- Lima, J. A., Serôdio, R. G., & Cruz, O. (2009). O envolvimento do pai no processo desenvolvimental dos filhos: Uma abordagem intergeracional. *Psicologia*, 23(2), 103-114.
- Lima, J. A., Serôdio, R. G., & Cruz, O. (2011). Pais responsáveis, filhos satisfeitos: As responsabilidades paternas no quotidiano das crianças em idade escolar. *Análise Psicológica*, 29(4), 567-578.
- Lunkenheimer, E. F. (2006). The intergenerational transmission of physical punishment: Differing mechanisms in mothers' and fathers' endorsement?. *Journal of Family Violence*, 21(8), 509-519. doi 10.1007/s10896-006-9050-2
- Malpique, C. (1990). A ausência do pai. *Edição afrontamento*.
- Marks, L., & Palkovitz, R. (2004). American fatherhood types: The good, the bad, and the uninterested. *Fathering: A Journal of Theory, Research, and Practice about Men as Fathers*, 2(2), 113-129.
- McBride, B. A., Brown, G. L., Bost, K. K., Shin, N., Vaughn, B., & Korth, B. (2005). Paternal identity, maternal gatekeeping, and father involvement. *Family Relations*, 54(3), 360-372. doi: 10.1111/j.1741-3729.2005.00323.x
- McNally, S., Eisenberg, N., & Harris, J. D. (1991). Consistency and change in maternal child-rearing practices and values: A longitudinal study. *Child Development*, 62(1), 190-198.
- Mehall, K. G., Spinrad, T. L., Eisenberg, N., & Gaertner, B. M. (2009). Examining the relations of infant temperament and couples' marital satisfaction to mother and father involvement: A longitudinal study. *Fathering*, 7(1), 23.
- Monteiro, L. (2007). *Análise do fenómeno de base segura em contexto familiar: A especificidade das relações criança/mãe e criança/pai*. Tese de Doutoramento. Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.

- Monteiro, L., Fernandes, M., Veríssimo, M., Costa, I. P., Torres, N., & Vaughn, B. E. (2010). Perspectiva do pai acerca do seu envolvimento em famílias nucleares. Associações com o que é desejado pela mãe e com as características da criança. *Revista Interamericana de Psicologia*, 44(1), 120-130.
- Monteiro, L., Torres, N., Veríssimo, M., Costa, I. P., & Freitas, M. (2015). Análise fatorial confirmatória do questionário O Papel do Pai numa amostra de pais e mães portuguesas. *Análise Psicológica*, 33(1), 113-120. doi: 10.14417/ap.998
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A. J., & Vaughn, B. E. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, 26(3), 395-409. doi: 10.1080/14616730802113711
- Nelson, J. A., O'Brien, M., Blankson, A. N., Calkins, S. D., & Keane, S. P. (2009). Family stress and parental responses to children's negative emotions: Tests of the spillover, crossover, and compensatory hypotheses. *Journal of Family Psychology*, 23(5), 671-679. doi:10.1037/a0015977
- Palkovitz, R. (1997). Reconstructing "involvement": Expanding conceptualizations of men's caring in contemporary families. In A. J. Hawkins & D. C. Dollahite (Eds.), *Generative fathering: Beyond deficit perspectives* (pp. 200-216). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Palkovitz, R. (2007). Challenges to modeling dynamics in developing a developmental understanding of father-child relationships. *Applied Development Science*, 11(4), 190-195. doi: 10.1080/10888690701762050
- Parke, R. D. (2000). Father involvement: A developmental psychological perspective. *Marriage & Family Review*, 29(2-3), 43-58. doi: 10.1300/J002v29n02_0
- Parke, R. D. (2002). Fathers and families. In M. H. Bornstein (Eds.), *The handbook of parenting: Vol. 3. Status and social conditions of parenting* (2nd ed., pp. 27-73). Mahwah, NJ: Erlbaum.

- Pattnaik, J. (2013). Father involvement in young children's lives: Common themes and diverse perspectives. In J. Pattnaik (Eds.). *Father involvement in young children's lives* (pp.1-9). New York: Springer
- Paulson, J. F., Dauber, S. E., & Leiferman, J. A. (2011). Parental depression, relationship quality, and nonresident father involvement with their infants. *Journal of Family Issues*, 32(4), 528-549. doi: 10.1177/0192513X10388733
- Perren, S., Von Wyl, A., Bürgin, D., Simoni, H., & Von Klitzing, K. (2005). Depressive symptoms and psychosocial stress across the transition to parenthood: Associations with parental psychopathology and child difficulty. *Journal of Psychosomatic Obstetrics & Gynecology*, 26(3), 173-183. doi: 10.1080/01674820400028407
- Pimenta, M., Veríssimo, M., Monteiro, L., & Costa, I. P. E. (2010). O envolvimento paterno de crianças a frequentar o jardim-de-infância. *Análise Psicológica*, 28(4), 565-580.
- Pleck, J. H. (2007). Why could father involvement benefit children? Theoretical perspectives. *Applied Development Science*, 11(4), 196-202. doi: 10.1080/10888690701762068.
- Pleck, J. H. (2012). Integrating father involvement in parenting research. *Parenting*, 12(2-3), 243-253. doi:10.1080/15295192.2012.683365.
- Roberts, G. C., Block, J. H., & Block, J. (1984). Continuity and change in parents' child-rearing practices. *Child Development*, 55(2), 586-597. doi: 10.1111/1467-8624.ep7304565
- Schindler, H. S. (2010). The importance of parenting and financial contributions in promoting fathers' psychological health. *Journal of Marriage and Family*, 72(2), 318-332. doi:10.1111/j.1741-3737.2010.00702.x
- Shannon, J. D., Tamis-LeMonda, C. S., & Cabrera, N. J. (2006). Fathering in infancy: Mutuality and stability between 8 and 16 months. *Parenting*, 6(2-3), 167-188. doi: 10.1207/s15327922par0602&3_3

- Simões, R., Leal, I., & Maroco, J. (2010a). Paternal involvement in a group of fathers of elementary school children. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 11, 339-356.
- Simões, R., Leal, I., & Maroco, J. (2010b). *Escala de envolvimento paterno: Um estudo de validação de um instrumento*. Lisboa: Placebo Editora.
- Smock, P. J. (2004). The wax and wane of marriage: Prospects for marriage in the 21st century. *Journal of Marriage and Family*, 66(4), 966-973. doi:10.1111/j.0022-2445.2004.00066.x
- Spector, A. Z. (2006). Fatherhood and depression: A review of risks, effects, and clinical application. *Issues in Mental Health Nursing*, 27(8), 867-883.
- Stern, D. (1992). *O mundo interpessoal do bebê: uma visão a partir da psicanálise e da psicologia do desenvolvimento*. Porto Alegre: Artmed.
- Tamis-LeMonda, C., & Cabrera, N. (1999). Perspectives on father involvement: Research and policy. *Social Policy Report*, 13(2), 1-32.
- Teetsel, R. N., Ginsburg, G. S., & Drake, K. L. (2014). Anxiety-promoting parenting behaviors: A comparison of anxious mothers and fathers. *Child Psychiatry & Human Development*, 45(2), 133-142. doi 10.1007/s10578-013-0384-8
- Torres, A. (2004). *Vida conjugal e trabalho: Uma perspetiva sociológica*. Oeiras: Celta Editora.
- Torres, N., Veríssimo, M., Monteiro, L., Ribeiro, O., & Santos, A. J. (2014). Domains of father involvement, social competence and problem behavior in preschool children. *Journal of Family Studies*, 20(3), 188-203. doi:10.5172/jfs.2014.20.3.188
- Twenge, J. M., Campbell, W. K., & Foster, C. A. (2003). Parenthood and marital satisfaction: A meta-analytic review. *Journal of Marriage and Family*, 65(3), 574-583. doi:10.1111/j.1741-3737.2003.00574.x

- Van Dijk, L., & Siegers, J. J. (1996). The division of child care among mothers, fathers, and nonparental care providers in Dutch two-parent families. *Journal of Marriage & Family*, 58(4), 1018-1028.
- Winnicott, D. W. (1966). *A criança e seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar. Publicação original 1964.
- Wood, J. J., & Repetti, R. L. (2004). What gets dad involved? A longitudinal study of change in parental child caregiving involvement. *Journal of Family Psychology*, 18(1), 237. doi: 10.1037/0893-3200.18.1.237
- Yeung, W. J., Sandberg, J. F., Davis-Kean, P. E., & Hofferth, S. L. (2001). Children's time with fathers in intact families. *Journal of Marriage and Family*, 63(1), 136-154. doi: 10.1111/j.1741-3737.2001.00136.x